

Orientador: Doutora Maria Teresa Saraiva Pires da Fonseca
Dias da Fonseca

Agradeço a:

- professora Teresa Fonseca pela orientação e permanente disponibilidade,
- Câmara Municipal de Braga, e Junta de Freguesia de Trandeiras pelas informações fornecidas,
- aos Amigos, à Cláudia, aos meus pais e irmãs, por serem as pedras angulares na construção da minha vida.

Resumo

O trabalho que se segue, pretende ser, acima de tudo, uma reflexão sobre a realidade que me rodeia, a partir da qual tento lançar um olhar sobre o estado da arquitectura e do urbanismo na periferia dos centros urbanos do Baixo Minho. Para esse efeito foi estudada a freguesia de Trandeiras, situada 6km a sul do centro de Braga, onde resido actualmente.

O epicentro deste trabalho é um dos inúmeros anexos, construídos de forma rudimentar sobretudo a partir da década de 50, para satisfazer as exigências de um estilo de vida que ainda mantém relações com um intenso passado rural. No entanto, este foi escolhido por ter a particularidade de, depois de ter ficado ao abandono, se ter transformado espontaneamente num espaço de convívio e importante dinamizador da comunidade. Tudo isto ocorreu sem projecto e sem arquitecto, à semelhança do que acontece com a generalidade das construções desta região, onde continua a não ser reconhecida a importância do trabalho destes profissionais.

Com esta construção como epicentro, procura-se debater o que é afinal arquitectura e qual a influencia que ela pode desempenhar na forma como vivemos e convivemos. Mas acima de tudo, discute-se o tema da auto construção, tentando perceber as razões que levam ao seu aparecimento e proliferação, qual a influencia que tem na imagem e ordenamento do território, qual poderá ser a responsabilidade dos arquitectos nesta situação e que postura adoptar perante esta realidade.

No final é desenvolvida uma proposta para um “novo” Barracão, que tenta sintetizar e colocar em desenho o que foi estudado ao longo deste trabalho.

Abstract

The work that follows is intended to be, above all, a reflection about the reality that surrounds me, from which I try to look into the situation of architecture and urbanism in the periphery of the urban centres in low Minho. To this end it was studied the parish of Trandeiras, located 6 km south from the centre of Braga, where I currently live.

The epicentre of this work, is one of the many outbuildings, rudimentary built, mainly since the 50's, to meet the requirements of a lifestyle that is still connected with an acute rural past. However, this, was chosen for having the particularity of, after being abandoned, have been spontaneously transformed into a social living space and an important dynamic force for the community. All this happened without any kind of project and without an architect, as to what happens with most of the constructions in this region, where the importance of these professionals is still not recognized.

With this construction as the epicentre, it is intended to discuss what is Architecture after all and what influence can it play in the way we live and coexist. But above all it is discussed the self-construction issue, by trying to understand the reasons behind its emergence and proliferation, what influence it has on the image and land management, what will be the responsibility of the architects in this situation and what attitude to adopt towards this reality.

In the end it is developed a proposal for a "new" *Barracão*, which attempts to synthesize and present in design what has been studied in this work.

Índice

	Pág.
Resumo	4
Abstract	5
Introdução	8
1. O que é Arquitectura?	
1.1 A sua origem	14
1.2 O que é e não é arquitectura?	16
1.3 O que é boa e má arquitectura?	21
1.4 Espaço e tempo: influência no comportamento Humano	23
2. Introdução ao objecto de estudo	
2.1 Características naturais de região do Minho e concelho de Braga	28
2.2 Evolução histórica da região	29
2.3 Trandeiras – origem e evolução de uma aldeia minhota	32
2.4. Algumas transformações sociais e espaciais em Trandeiras no séc. XX (evolução da estrutura dos espaços públicos e das características do edificado)	
2.4.1 Início do séc. XX	37
2.4.2 Anos 40 até 90	45
2.4.3 Anos 90 até hoje	52
3. O Barracão	
3.1 O que é? onde está? como surgiu? para que serve?	58
3.2 O que representa, como forma e como espaço	63
3.3 Uma reflexão sobre a arquitectura e o urbanismo no Baixo Minho a partir deste caso singular	66
3.4 Qual o papel do arquitecto perante esta realidade	83
3.5. Que futuro? Remodelação, Reconstrução – Uma proposta de evolução.	76
3.5.1 Memória descritiva	87
Conclusão	94
Referências bibliográficas	97
Índice de imagens	102
Anexos	107

Índice de anexos

Anexo 1 - Quadros estatísticos

Q.1- Edifícios, segundo a época de construção e respectivos materiais

Q.2- Edifícios, segundo a época de construção, por necessidades de reparação

Q.3- Edifícios, segundo número de pavimentos, por época de construção

Anexo 2 - Plantas

Planta da freguesia de Trandeiras segundo a ocupação funcional das suas construções

Planta da freguesia de Trandeiras segundo a ordem cronológica das suas construções

Anexo 3 - Inquérito

Exemplar do inquérito realizado junto dos utentes do objecto de estudo

Introdução

Desde sempre que o homem sente a necessidade de transformar o espaço que o envolve, a fim de ver satisfeitas as suas carências sejam elas de carácter físico ou espiritual. Essas transformações tornam-se um espelho do próprio homem, do seu carácter, dos seus hábitos, conhecimentos, sonhos e ambições, em suma, da sua vida. Esta relação de cumplicidade entre a nossa vida e o espaço que construímos, a que alguns chamam Arquitectura, são a razão principal do meu interesse pela disciplina. Como tal, neste trabalho que assinala o fim do meu curso¹, e portanto, a conclusão de uma etapa inicial, no que toca à aprendizagem desta disciplina, optei por escolher para caso de estudo, um espaço e uma realidade muito familiares.

Enquanto realizava este trabalho veio-me à memória o tempo em que fui escuteiro, onde logo no início aprendíamos as leis e os princípios, pelos quais um bom escuteiro se devia reger, e foi então que percebi que fazia todo o sentido adaptar especialmente o 3º princípio ao arquitecto – “o dever do Arquitecto começa em casa”.²

Senti a necessidade de consolidar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso, através de um confronto com

¹ Curso de Mestrado Integrado em Arquitectura, da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

² Princípios do Corpo Nacional de Escutas:

1º - O Escuta orgulha-se da sua Fé e por ela orienta toda a sua vida.

2º - O Escuta é filho de Portugal e bom cidadão.

3º - O dever do Escuta começa em casa.

a própria realidade onde estou inserido, a fim de, compreender o papel que me está destinado na sociedade, tanto como arquitecto, como cidadão.

O epicentro desta dissertação, será uma pequena e rudimentar construção situada em Trandeiras, uma freguesia na periferia da cidade de Braga onde cresci e vivo actualmente. Trata-se de um dos muitos “anexos” que proliferam na paisagem minhota, construídos especialmente a partir dos anos 50 e 60, de uma forma espontânea para abrigar sobretudo alguns animais ou utensílios, vestígios de uma outrora comunidade rural. No entanto, este tem a particularidade de se ter transformado e adaptado a um novo uso. Este espaço que serviu de abrigo de animais, foi apropriado por um grupo de jovens e transformado num espaço de encontro e convívio, que espontaneamente se tornou essencial na dinamização da própria comunidade.

Como estudante de arquitectura, e utente deste espaço singular, fui percebendo que este poderia ser um ponto de observação privilegiado para a realização de um trabalho, que pretende:

- estudar um território onde grande parte das construções existentes, não foram projectadas por arquitectos e, muitas delas, nem sequer por qualquer profissional ligado à área de construção.
- analisar o resultado global e perceber a relação e influência que esse fenómeno tem na organização deste espaço e no comportamento das pessoas.

- descobrir qual deverá ser a acção do arquitecto perante esta realidade.

A obtenção de informação para a realização deste trabalho foi conseguida, sobretudo, através de pesquisa bibliográfica, da observação e contacto directo com o objecto de estudo, com o lugar e suas gentes.

Comecei por procurar e expor algumas considerações sobre o que é afinal arquitectura? Porque precisamos dela? O que a distingue de outras construções? O nosso comportamento é o resultado de uma série de factores condicionantes e sem dúvida que um deles é a arquitectura, mas até que ponto? Podemos mudar o comportamento de um indivíduo através da arquitectura? E o de uma sociedade? Com esta abordagem inicial pretendia formar uma base de apoio que ajuda-se a melhor compreender e trabalhar neste caso de estudo.

De seguida, fui fazendo uma aproximação gradual ao objecto de estudo, começando por abordar algumas características naturais do território e das gentes da região onde se situa, assim como da sua história e evolução.

Já focado essencialmente no espaço da freguesia de Trandeiras, é feita uma exposição de algumas das transformações sociais e espaciais ocorridas entre finais do séc. XIX até aos dias de hoje, a fim de observar a evolução dos espaços públicos e das características construtivas.

Finalmente é explicado como surge o Barracão, para que serve e o que representa para a comunidade. A partir daqui, apoiado pelos conhecimentos adquiridos nos

capítulos anteriores, é feita uma reflexão crítica sobre o estado da arquitectura e urbanismo da região envolvente, onde se fala da herança das décadas anteriores, das consequências dos hábitos da auto construção, ainda bastante enraizados numa população que parece perder a identidade à medida que desvanece cada vez mais a separação entre cidade e campo. Desta reflexão surge uma outra, onde tento alcançar o principal objectivo deste trabalho ao procurar entender qual deverá ser o papel e responsabilidade do arquitecto perante a realidade apresentada.

Para concluir esta dissertação, e porque se trata acima de tudo de um trabalho sobre arquitectura, é esboçada uma proposta para a construção de um “novo” *Barracão*, onde tento, transpor para o desenho, (embora consciente das dificuldades), o que alcancei ao longo deste trabalho.

1. O que é Arquitectura?



Fig.1- "Adam" o homem primitivo protegendo-se da chuva segundo Filarete.



Fig.2- A construção da cabana primitiva, segundo Vitruvius Teutsch.

"(...) entre a pequena choupana e a obra prima vi que existiam relações como sei existirem entre o pedreiro (ou qualquer outro homem) e o arquitecto de génio."³ Fernando Távora

1.1 A sua origem

Para a realização deste trabalho e à semelhança de outros que realizei ao longo deste curso, sinto a necessidade de começar pela génese da questão de qualquer tema relacionado com arquitectura, ou seja, o que é afinal Arquitectura? Para que serve e qual a sua influência na vida das pessoas? Reflectir sobre a sua importância como factor de memória e identidade colectiva. Como qualquer outra arte ou ciência, que passa por constantes mudanças, considero que seja necessário rever sempre a sua origem e, a partir dos problemas que se colocam hoje, redefinir o seu conceito actual.

*"A história das formas é mais longa que a dos homens e é através da reflexão critica, (confronto de princípios e teorias com factos) que se processa a actualização da arquitectura."*⁴

Comecemos então por Vitruvio, que defendia que a essência da arquitectura está associada à cabana primitiva que protege e abriga o fogo⁵. A própria palavra arquitectura que deriva do grego Arché, que quer dizer primeiro ou começo, e Tékhton, que está associada a invenção e construção (especialmente em madeira)⁶,

³ Excerto de um texto escrito por Fernando Távora em 1963 sobre a escola do Cedro, retirado do livro: *Percurso: a life long trail* / coord. Fernando Távora e José Bernardo Távora. Lisboa, Centro Cultural de Belém, 1993, pag.75

⁴ Apointamentos em 21 de Janeiro de 2010, das aulas de Teoria 3, com a professora Teresa Fonseca, integradas no 4º ano do Mestrado Integrado em Arquitectura da FAUP

⁵ "Casa e lar: a essência da arquitetura", Jorge Marão Carnielo Miguel em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746>

⁶ MULLER, Werner, [et.al] (1992) *Atlas de Arquitectura*. – 2ªed., pag.11

conduz-nos à teoria que a origem da arquitectura estará associada à construção da primeira cabana. E embora com mais de 2000 anos, esta parece-me uma excelente definição, porque, para mim engloba as duas dimensões que originaram e definem a arquitectura. A primeira dimensão tem a ver com a satisfação de necessidades biológicas para sobreviver, as necessidades de abrigo e protecção, inerentes a qualquer animal. A segunda com necessidades de carácter emocional e espiritual, porque ao abrigar o fogo, elemento que só os humanos conseguiram dominar, esse abrigo torna-se especial e distingue-se do de outros animais. O fogo simboliza a capacidade, inteligência e espírito humano, e a cabana ao abrigar o fogo abriga também esse espírito que contribui para a humanização do espaço.

"com o fogo surgiram entre os homens as reuniões, as assembleias e a vida em comum, que cada vez ficaram mais concorridas num mesmo lugar e assim, de um modo diferente dos outros animais, os homens receberam da Natureza o privilégio de andar erguidos e não inclinados e a atitude de fazer com grande facilidade, com suas mãos e órgãos de seu corpo, tudo aquilo que se propunham". Vitruvio⁷

"O fogo cresce, move-se, aquece, destrói e é quente, uma das qualidades fundamentais associada à vida humana. Quando o fogo se extingue, suas cinzas tornam-se frias, do mesmo modo que esfria o corpo de um ser quando morre. Há um paralelismo entre o conceito da alma que anima o corpo físico e o fogo, o espírito que anima o corpo da casa" Jorge Miguel⁸



Fig.3- Cabana primitiva segundo Cesariano.



Fig.4- O descobrimento do fogo, segundo Fra Giocondo.

⁷VITRUVIO -De architectura libre decem, citado em:
www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746

⁸ "Casa e lar: a essência da arquitetura", Jorge Marão Camiello Miguel em:
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746>

Parece-me consensual a teoria de que a arquitectura, usando as palavras de Gottfried Semper, na *"sua concepção primeira e original terá surgido sempre da satisfação de alguma necessidade material, sobretudo a de abrigo e protecção contra as inclemências do clima e de outros elementos ou outras forças inimigas"*. Contudo, como este autor também refere, *"a arquitectura é uma pura arte de invenção, já que na natureza não existe nenhum protótipo das suas formas, que são livres criações da imaginação e razão humana"*⁹ Este é um aspecto determinante na definição do que é arquitectura, ou seja, qualquer construção feita pelo homem é precedida por uma ideia, por uma capacidade de imaginação reconhecida à espécie humana, que lhe permite inventar o que não existe e com isso melhorar a sua capacidade de sobrevivência e qualidade de vida.

1.2 O que é e não é Arquitectura?

"a arquitectura é a relação espacial do homem com o mundo que o rodeia, e a expressão de como se afirma nele e como sabe dominá-lo. Por isso a arquitectura não é só um problema técnico, nem um problema exclusivamente organizativo e económico. Na realidade, a arquitectura é sempre o consumir espacial de uma decisão intelectual" Mies Van der Rhoe¹⁰

É esta vertente intelectual, criativa e artística da arquitectura, que faz com que ela se transcenda e possa ser muito mais do que uma instintiva reacção perante as nossas necessidades básicas de protecção e abrigo. A questão

⁹ Gottfried Semper 1854, citado em: (1992) *Atlas de Arquitectura*. – 2ªed., pag.15

¹⁰ L. M. Van der Rhoe, conferência em Berlim, 1928

que coloco seguidamente é o que se pode considerar arquitectura, e por oposição o que não se considera arquitectura? Ou seja, podemos chamar arquitectura a toda e qualquer construção feita pelo homem, ou apenas determinadas construções, projectadas e executadas por indivíduos dotados de cultura artística e instruídos em técnicas de construção?

Vitruvio é o autor de uma das mais proclamadas explicações do que é Arquitectura, que a define como “Arte de construir”. Perante tal afirmação, apercebemo-nos da imensidão do seu universo disciplinar e das infinitas interpretações que ela pode causar, desde logo se levanta a questão, se “a arte de construir” se limita apenas aos edifícios. Ao longo do tempo esta afirmação foi sendo contestada, por vários arquitectos entre eles, Boullée, que via na definição de Vitruvio uma consideração apenas pela parte científica da arquitectura, desprezando a parte artística ou intelectual.

“(…) ¿Qué es la arquitectura? ¿La definiré, con Vitruvio, como el arte de construir? No. En esta definición hay un error de bulto. Vitruvio toma el efecto por causa. Hay que concebir para ejecutar. Nuestros primeros padres no construyeron sus cabañas hasta después de haber concebido su imagen. Es este fruto del espíritu, esta creación, lo que constituye la arquitectura, a la que por tanto podemos definir como el arte de producir y llevar a su perfección cualquier edificio. El arte de construir no es pues más que un arte secundario, que nos parece propio llamar la parte científica de la arquitectura”. Boullée¹¹

Outros arquitectos como Lúcio Costa têm defendido uma distinção entre arquitectura e a simples construção,

¹¹ www.virtual.unal.edu.co/cursos/sedes/manizales/4020061/descargas/f_boullée.pdf - retirado de CALVO SELLARER, Francisco et. Alt.: Fuentes y documentos para la Historia del Arte. Vol. VII. Ilustración y Romanticismo. De Architecture. Essai sur l'art (1770-1784). Primera edición francesa a cargo de Jean Marie Pérouse de Montclos, Ed. Hermann, París, 1968

reservando para a arquitectura apenas as construções dotadas de alguma intencionalidade plástica, enquanto outros, como Hannes Meyer defendiam que a arquitectura se resumia a uma tarefa de organização espacial sem relação com a estética. Meyer substitui o termo arquitectura por construção para eliminar qualquer conotação artística, para ele construir é *"sólo organización social, técnica, económica y psicológica. (...) Construir es un proceso biológico. Construir no es un proceso estético. (...) La arquitectura como «materialización de las emociones del artista» no tiene justificación alguna"*.¹²

"Arquitetura é antes de mais nada construção, mas, construção concebida com o propósito primordial de ordenar e organizar o espaço para determinada finalidade e visando a determinada intenção. E nesse processo fundamental de ordenar e expressar-se ela se revela igualmente e não deve se confundir com arte plástica, porquanto nos inumeráveis problemas com que se defronta o arquiteto, desde a germinação do projeto, até a conclusão efetiva da obra, há sempre, para cada caso específico, certa margem final de opção entre os limites - máximo e mínimo - determinados pelo cálculo, preconizados pela técnica, condicionados pelo meio, reclamados pela função ou impostos pelo programa, - cabendo então ao sentimento individual do arquiteto, no que ele tem de artista, portanto, escolher na escala dos valores contidos entre dois valores extremos, a forma plástica apropriada a cada pormenor em função da unidade última da obra idealizada. A intenção plástica que semelhante escolha subentende é precisamente o que distingue a arquitetura da simples construção." Lúcio Costa¹³

Por outro lado existem outros arquitectos e homens ligados ao mundo da arte que têm uma ideia mais

¹² MEYER, Hannes (1928) *in* *Textos de arquitectura de la modernidad / Construir*; texto presente na bibliografia da disciplina História da arquitectura contemporânea leccionada pelo professor Carlos Machado na FAUP

¹³ COSTA, Lúcio. *Considerações sobre arte contemporânea* (1940). In: Lúcio Costa, *Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, citado em: <http://www.arquitetura.com.br/artigos/artigo.php?idArt=15>

abrangente do que pensam ser arquitectura. Consideram que ela engloba qualquer transformação que o ser humano realiza no espaço que o rodeia.

"A arquitectura compreende a observação de todo o meio físico que rodeia a vida humana; não podemos furtar-nos a ela, enquanto fizermos parte da civilização, dado que a arquitectura é o conjunto das modificações e das alterações introduzidas na superfície terrestre, tendo em vista as necessidades humanas, com excepção apenas do puro deserto. Nem podemos, no que se refere à arquitectura, confiar os nossos interesses a um reduzido grupo de homens instruídos, encarrega-los de investigar, de descobrir, de modelar o ambiente no qual iremos depois estar nós, e maravilhar-nos com ele, considerando-o como algo belo e acabado; isto, pelo contrário, compete a nós próprios, a cada um de nós, que deve vigiar e defender o correcto ordenamento da paisagem terrestre, com o seu espírito e com as suas mãos, na parte que lhe respeita." William Morris¹⁴

"A arquitectura é a cena fixa das vicissitudes do homem, carregada de sentimentos de gerações, de acontecimentos públicos, de tragédias privadas, de factos novos e antigos." Aldo Rossi¹⁵

Entre os autores que defendem esta posição, destaque especialmente Fernando Távora na forma como ele desmistifica a arquitectura e afirma que *"arquitectura é ele e somos nós, qualquer pessoa quando se mexe, muda uma cadeira de lugar ou escolhe a cor de uma parede, está a fazer arquitectura."*¹⁶ Para ele, à semelhança do que defende William Morris, toda a gente participa directa, ou indirectamente, na arquitectura, ela faz parte das nossas vidas, é influenciada por elas e ao mesmo tempo elas têm influência na própria arquitectura.

¹⁴ MORRIS, William (1881) citado por: BENEVOLO, Leonardo, trad. Maria Manuela Ribeiro, (1991) *Introdução à Arquitectura*. pag.16

¹⁵ ROSSI, Aldo, (2001) *Arquitectura da cidade*, pag.33

¹⁶ TÁVORA, Fernando, (1993) *A Arquitectura é o dia a dia*. entrevista de Bernardo Pinto, In Boletim da Universidade do Porto, nº19/20, Porto pag.44

"Toda a forma criada pelo homem tende, ou deverá tender, para forma artística, caso contrário será desprovida de uma necessária totalidade, e por outro lado, que todas as formas se revestem de importância para uma organização do espaço." Fernando Távora¹⁷

Na verdade, esta questão sobre o limite do que podemos considerar arquitectura, provavelmente nunca terá uma resposta definitiva, existirão sempre opiniões divergentes. Também não era o meu objectivo chegar a uma conclusão indiscutível, pretendia apenas através da apreciação de diferentes visões conseguir algumas bases para desenvolver uma opinião pessoal, e assim construir a minha própria definição do que considero ser arquitectura. Assim concordo que, a arquitectura parte da necessidade de cumprir uma missão primordial para o Homem. Consiste em estabelecer uma transformação do espaço que lhe proporcione uma melhoria das condições de vida, satisfazendo as suas diversas necessidades, tanto as de carácter físicas, biológicas como também as espirituais. Essa transformação é conseguida através de várias construções no mundo que nos rodeia, construções essas que dado a nossa condição humana de seres racionais, subentendem uma ideia ou intenção por trás. A arquitectura é uma ideia construída¹⁸, seja essa construção uma casa que nos abriga, um monumento que pontua um lugar ou apenas uma simples árvore plantada segundo determinada intenção. Távora fazia questão de lembrar as palavras de Ananda Coomaraswamy, *"o artista não é uma qualidade especial de homem, mas cada homem uma qualidade especial de*

¹⁷TÁVORA, Fernando, (1996) *Da organização do espaço*. – 3ª ed. pag.16

¹⁸ Título de um livro do Arqº Alberto Campo Baeza "A Ideia construída"

artista”¹⁹ e daí podemos entender que a intenção plástica que segundo Lúcio Costa distingue a arquitectura de uma mera construção, está presente em todos os homens. Em suma, a arquitectura é toda e qualquer ideia que adquire uma forma física e transforma o nosso mundo. Claro que depois, podemos sempre discutir se a ideia era boa ou má, se foi bem ou mal executada, mas a partir do momento em que ganhou forma faz parte da nossa realidade e da nossa vida e como tal é arquitectura.

1.3 O que é boa ou má arquitectura?

“Não se pode fazer uma classificação entre “boa” arquitectura e “má” arquitectura; tudo o que existe é importante e não se pode excluir nada dessa realidade” Álvaro Siza²⁰

Não é o meu objectivo nesta dissertação, estabelecer o que são os padrões da boa ou má arquitectura, e tenho a noção que embora possam existir teorias sobre isso e tratados sobre o belo, as correctas proporções, sentido de escala e outros “mandamentos” sobre o que será uma boa arquitectura, este será sempre um tema com infinitas opiniões.

“Boa arquitectura é aquela onde as pessoas se sentem bem” Souto Moura²¹

Esta frase de Souto Moura, proferida numa das conferências que assisti na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, ficou-me na memória. Recorro a ela sempre que posso, porque penso que sintetiza o que de

¹⁹ TÁVORA, Fernando, (1996) *Da organização do espaço*. – 3ª ed.pag.20

²⁰ SIZA, Álvaro, (2009) *Uma questão de medida*. /entrevistas de Dominique Machabert, Laurant Beaudouin., pag.29-30

²¹ Apontamentos do autor numa conferência do Arq. Souto Moura na FAUP em 19-02-09

mais importante a arquitectura pode dar ao Homem, ou seja contribuir para a sua felicidade. Além disso responde também a outra questão que se pode colocar para entender a verdadeira importância da arquitectura – para que serve a arquitectura? Obviamente como já vimos e penso ser consensual, a arquitectura serve em primeiro lugar para nos satisfazer as necessidades mais básicas de abrigo e protecção, no entanto, considero que essa é apenas uma parte do verdadeiro papel da arquitectura na nossa vida, no nosso mundo, sendo que a principal é fazer-nos sentir bem, e isso engloba muito mais que a satisfação das necessidades mais básicas. A arquitectura tem o poder de nos proporcionar várias emoções como qualquer forma de arte.

A arquitectura “é coisa mental”²², como refere Távora, um acto de inteligência que requer depois uma consciência social²³. Resulta do intelecto e imaginação humana, e como tal, à semelhança de outras artes, serve ainda para responder a outras carências humanas, as de expressão, representação e comunicação. Aliás, considerando que arquitectura é indissociável da vida de qualquer pessoa, é de longe a forma de arte com maior capacidade de expressão por ser tão básica e ao mesmo tempo tão complexa e por envolver tanta gente.²⁴

A arquitectura é um fenómeno universal, plural e de manifestação da existência do Homem, torna-se assim o espelho da vida de determinado indivíduo ou sociedade, e

²² TÁVORA, Fernando “Coisa mental” entrevista de Jorge Figueira in: Unidade 3 (arquitectura ou chuva) Junho de 1992, AEFAUP

²³ TÁVORA, Fernando, (1993) *A Arquitectura é o dia a dia*. entrevista de Bernardo Pinto, in Boletim da Universidade do Porto, nº19/20, Porto pag.44

²⁴ NUTTEGENS, Patrick, *the nature of architecture*, in *Companion to Contemporary Architectural Thought*, pag.8

a sua maior durabilidade em relação à vida efémera do ser humano torna-a num dos mais importantes factores para a transmissão de cultura e identidade ao longo das gerações.

1.4 Espaço e tempo: influência no comportamento Humano

“O pensamento toma forma na cidade e por sua vez as formas urbanas condicionam o pensamento” Mumford ²⁵

Esta relação de proximidade e cumplicidade entre a arquitectura e a forma como vivemos, ou seja a nossa vida, torna muito complicado distinguir até que ponto ela molda os nossos hábitos ou os nossos hábitos moldam o espaço à nossa volta. Já vimos que um dos principais, se não o principal objectivo da arquitectura é fazer-nos sentir bem, mas será que a arquitectura tem a capacidade de influenciar o nosso comportamento e a nossa personalidade? Pessoalmente gosto de acreditar neste ideal talvez um pouco romântico de que a arquitectura pode influenciar o comportamento humano, e assim levar a um mundo melhor. Para encontrar respostas a estas questões teria de ser sociólogo e estudar a fundo a influência do ambiente construído nas pessoas, por isso tenho consciência das minhas limitações nesta matéria. Contudo, sabemos que existem teorias segundo as quais, o ambiente físico determina o comportamento social²⁶. Portanto, podemos acreditar que a arquitectura, embora não seja o único, é um dos factores influentes no comportamento humano e como já vimos, de todas as

²⁵ Mumford citado em: ROSSI, Aldo, (2001) *Arquitectura da cidade*, p.46

²⁶ TIESDELL, Steven e Taner Oc, *Architecture and people*, in *Companion to Contemporary Architectural Thought*, pag.44-50

artes, a que mais pode influenciar esse comportamento. Porque nem toda a gente lê poesia, gosta de pintura ou se interessa por música, mas todo o ser humano vive rodeado pela arquitectura²⁷.

A principal causa dessa influência tem a ver com a relação entre o espaço que ocupamos e tempo que permanecemos nesse espaço. Segundo Tuan, o que começa como um espaço indiferenciado transforma-se em um lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.²⁸

Ao permanecer num determinado espaço e tempo, (4ª dimensão na arquitectura), vamos acumular memórias de experiências e sensações, que poderão influenciar o nosso comportamento e a nossa identidade. O que já aconteceu está directamente relacionado com o que somos, a nossa própria sobrevivência está dependente da capacidade e facilidade de adquirir hábitos e memória, sem isso não poderíamos aprender nem evoluir tão rapidamente. E é essa memória, aliada a uma capacidade de expressão e representação através de formas (no caso da arquitectura) que permite perpetuar uma identidade no tempo. A herança de um passado é importante no homem porque sente a necessidade de se situar no tempo, saber quem é e de onde vem, dá-lhe uma certa segurança e orienta-o de alguma forma. O passado é um ingrediente vital na construção da nossa personalidade.²⁹

²⁷ NUTTEGENS, Patrick, *the nature of architecture*, in *Companion to Contemporary Architectural Thought*, pag.8

²⁸ "o espaço transforma-se em um lugar à medida que adquire definição e significado"(...) "quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar" TUAN, Yi-fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983. p. 4.citado em: Luiz Augusto dos Reis-Alves, o conceito do lugar - www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225

²⁹ Lowenthal, David, *What makes the past matter?* in *Companion to Contemporary Architectural Thought*, p.182

"Pode-se viver sem arquitectura, mas não podemos recordar sem a mesma, por esta dar corpo aos pensamentos e sentimentos do homem bem como aquilo que as suas mãos trabalharam, a força que empenharam, e o que os seus olhos contemplaram ao longo da sua vida" John Ruskin ³⁰

Portanto em forma de resumo, podemos dizer que, o Homem seguindo a sua natureza, ao sentir carências físicas e espirituais, apropria-se de um espaço. A sua permanência nele dota-o de sentido, transforma esse espaço num lugar. Para conseguir isto, o homem molda o espaço através de elementos físicos, com a finalidade de criar as melhores condições tanto para o cumprimento de tarefas de carácter mais natural, (comer, trabalhar, dormir), como de compensar carências de carácter mais humano, como a individualidade, intimidade, relacionamentos sociais e culto espiritual. A forma como estes elementos são dispostos, ou são utilizados reflecte o modo como o homem habita um determinado espaço. A sua cultura e a sua personalidade convertem-se em arquitectura, um mundo construído por si e à sua volta, impregnado de memórias, imagens, momentos passados e presentes, um emaranhado de hábitos e ritos pessoais quotidianos que são o espelho dos seus habitantes, incluindo os seus sonhos, esperança e dramas.³¹

"vínculo com a vida quotidiana que deve acolher é na realidade a única razão de ser da arquitectura." Giorgio Grassi ³²

³⁰ RUSKIN, John, (1989) *Sete lâmpadas da Arquitectura*, pag.207

³¹ Baseado num trabalho do autor, elaborado no âmbito da disciplina teoria2, integrada no 3º ano do Mestrado Integrado em Arquitectura da FAUP

³² GRASSI, Giorgio (1980) *"A PROPÓSITO DE VANGUARDIA"* texto presente na bibliografia da disciplina História da arquitectura contemporânea leccionada pelo professor Carlos Machado na FAUP

O *Barracão* de Trandeiras,
Uma perspectiva sobre a arquitectura e urbanismo no Baixo Minho

2.Introdução ao objecto de estudo

2.1 Características naturais da região do Minho e concelho de Braga

O epicentro deste trabalho será um simples barracão, um dos muitos anexos, que fazem parte da paisagem da freguesia de Trandeiras, (assim como de muitas outras freguesias minhotas) e que trataremos mais à frente. Contudo, parece-me conveniente que para tratar este objecto específico comecemos por fazer uma abordagem mais geral localizando-o no território, introduzindo algum contexto histórico, e descrevendo os aspectos mais relevantes que caracterizam tanto o lugar como as suas gentes.

Pode-se dizer que a região do Minho, e em concreto a zona de Braga, é dotada de características naturais muito favoráveis à vida animal e vegetal. Nesta região, o terreno sinuoso e granítico das cadeias montanhosas, que se estendem deste Orense e Trás-os-Montes, parece amansar em suaves vales e pastos verdejantes em direcção ao mar.

A terra é coberta por um manto de vegetação que cresce saudavelmente devido à abundância das chuvas, que irrigam os solos. Do permeável granito surgem imensas nascentes naturais, e toda a região é atravessada por inúmeros cursos de água. Os montes repletos de pinheiros, eucaliptos e sobreiros, estabelecem uma densa massa arborizada que constitui uma importante fonte de caça e matérias-primas. Contrapondo esta abundante arborização, encontram-se os verdes prados das veigas e os fundos de vales constituídos por terrenos muito férteis. A proximidade do Atlântico para além de permitir a abundante

precipitação atmosférica funciona como um moderador do clima, mantendo uma baixa amplitude térmica.

2.2 Evolução histórica da região

Provavelmente, por todas estas características, esta é uma região ocupada por humanos desde há milhares de anos, como comprovam os vestígios do período megalítico encontrados, por exemplo, na freguesia de Lamas, a 1,3 km do objecto de estudo deste trabalho.

Mas a época onde se comprova ter existido já uma considerável densidade humana, correspondente à idade do ferro (1200 a.C.) onde proliferavam por toda a região, os castros do povo Brácaro. Este povo de origem galaica vivia essencialmente da pastorícia, agricultura, caça e pesca. Portanto, para além de escolherem para habitar, lugares elevados, como forma de protecção, procuravam estar perto de cursos de água e terrenos férteis. As suas construções eram feitas com o granito da região, inicialmente com pedras toscas mas progressivamente, com o aparecimento de utensílios em ferro, foram aperfeiçoando o trabalho em aparelhos de pedra.

Organizavam-se em comunidades relativamente pequenas, de carácter familiar, com as casas aglomeradas aparentemente sem regra e rodeados por um anel amuralhado. Normalmente a casa castreja tinha uma planta circular com cerca de 5m de diâmetro, e paredes de paramento duplo sem recurso a argamassa. No centro um pilar em madeira ajudava a suportar a cobertura vegetal em forma cónica, e o fogo era feito encostado à

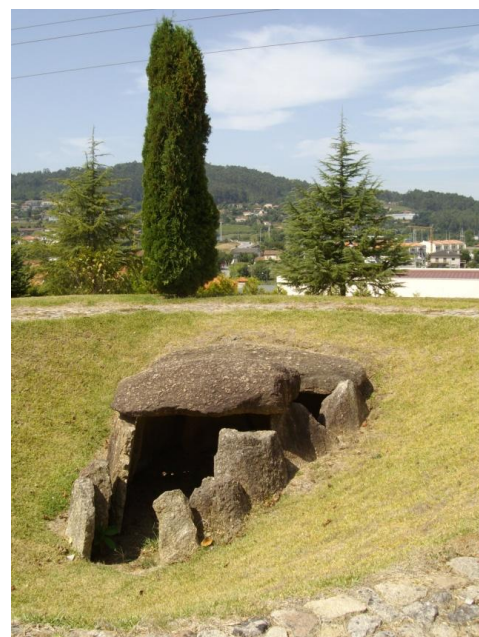


Fig.5- Mamoá situada Na freguesia de Lamas, acredita-se que este monumento tenha sido construído no período Neolítico, cerca de 3000 anos a.C.



Fig.6- Citânia de Briteiros, Guimarães – planta segundo Álvaro de Castelões.

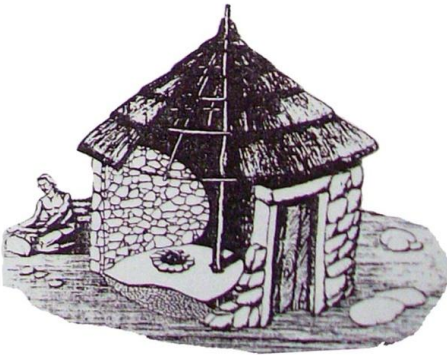


Fig.7- Reconstituição do interior de uma casa castreja.

parede. No exterior, junto à entrada, dois pequenos muros delimitavam um espaço destinado a acolher as actividades domésticas.³³

Como prova da densidade e domínio deste povo, podemos encontrar praticamente em todos os montes desta região sinais da sua ocupação, sendo que os mais próximos são o da Santa Marta da Falperra em Esporões, e do Monte Redondo em Guisande, que ficam a cerca de 3,5km de Trandeiras.

Por volta de 27 a.C. o Império Romano, provavelmente, também atraído pelas características naturais e situação geográfica favorável, chegou a este território e ocupou-o durante 4 séculos.

Os romanos encontraram vários e dispersos aglomerados populacionais e, com o objectivo de tentar aglutinar e centralizar o domínio desta região, que denominaram por "conventus bracaraugustano" fundaram a cidade de Bracara Augusta actual Braga, que se tornou um pólo de atracção integrando as populações indígenas da região.

Consequentemente, tornou-se uma das mais importantes cidades de Tarraconensis, essa importância é atestada por uma inscrição do tempo de Claudio (42-44) segundo a qual, Bracara na sua fundação exercia jurisdição sobre 24 "populi" num total de 285 000 habitantes livres e tributários.³⁴

De maneira a integrar esta região num território mais abrangente foram construídas redes de estradas e vias importantes que ligavam as principais cidades da península.

³³ SILVA, João Belmiro Pinto da; GOMES, Paulino, (1998) *Braga: os tempos e o lugar...*, pag.14 e 15

³⁴ SILVA, João Belmiro Pinto da; GOMES, Paulino, (1998) *Braga: os tempos e o lugar...*, pag.21

Alguns dos castros existentes também sofreram influências romanas, destacando-se, a regularização de ruas, definição do espaço público, e a substituição das tradicionais casas redondas em cobertura vegetal, por casas maiores, rectangulares, com cobertura em telha cerâmica (plana ou em cana).

Infelizmente hoje, devido à ocupação posterior de outras culturas e povos que destruíram a cidade nas suas conquistas, não existe nenhum edifício daquele tempo, no entanto a marca inconfundível da sua organização urbana, ainda é visível no traçado regular de algumas ruas do centro histórico.

Durante o séc. II e III, e apesar dos muitos conflitos que se verificaram na Hispânia, Bracara e a sua região manteve-se próspera e aumentaram as actividades construtivas nos finais do séc. III e início do séc. IV³⁵.

Também a religião teve um papel muito importante na organização deste território, sendo que, a estruturação paroquial levada a cabo por S. Martinho de Dume durante o reinado suevo no séc. V, com o intuito de reforçar a influência cristã que estava a ser afectada pelas invasões bárbaras, manteve-se praticamente inalterável até aos dias de hoje. Esta estruturação paroquial resistiu às sucessivas ocupações de diferentes povos e guerras de conquistas e reconquistas entre cristãos e mouros durante os séculos V e XI. Desde a segunda metade do séc. VIII que existiam na cidade e arredores de Braga, famílias cristãs que cultivavam as terras pertencentes à igreja e pagavam as respectivas pensões ao metropolitano Bracarense. Acredita-se, que

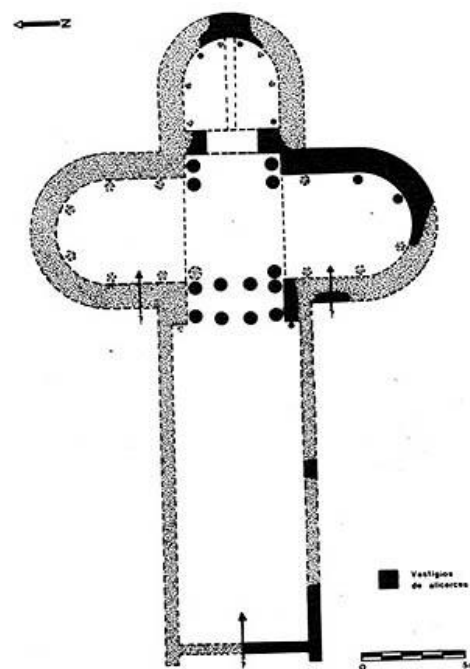


Fig.9- Reconstituição da planta da igreja sueva de Dume em Braga, de meados do sec. VI construída num contexto de expansão e afirmação da autoridade sueva.

³⁵ SILVA, João Belmiro Pinto da; GOMES, Paulino, (1998) *Braga: os tempos e o lugar...*, pag.23

apesar da ausência de organização administrativa e militar durante mais de 3 séculos, que originou uma grande decadência e redução da população, esta região nunca caiu no despovoamento total muito por culpa da forte organização paroquial e diocesana, com os fiéis a manterem-se reunidos à volta das suas igrejas e cultos.³⁶

A partir do século XIII, em consequência de sucessivas crises e maus anos agrícolas, que propagaram a fome e as doenças, a população diminuiu. Quem mais sofreu foram os lavradores, que tinham de manter a qualidade de vida dos aristocratas e eclesiásticos.

“a agricultura, por direito, é e deve ser muito favorecida, porquanto per os lavradores se suporta o estado da terra e a matem por suas lavras e criações, servem com pam, cabritos, galinhas, carneiros, palha, cevadas e outras cousas; e, contodo é uma gente a que a todos fazem mal e pouco favor...”³⁷.

Esta carta escrita a D. João (1481/82), retrata uma cultura destinada a manter ricos os ricos e pobres os pobres, e infelizmente manteve-se actual até meados do século XX.

Fig.10- Vista do centro da freguesia de Trandeiras.



2.3 Trandeiras – origem e evolução de uma aldeia minhota

Trandeiras, actualmente com uma área de 0,85 Km², e com uma população que nos censos de 2001 era de 703 habitantes, é uma das mais pequenas freguesias das 62 que compõem o concelho de Braga. Localizada a sul do centro

³⁶ COSTA, Avelino de Jesus da, (1997-2000) *O Bispo D. Pedro e a organização da Arquidiocese de Braga – 2ªed.*, pag.47

³⁷ SILVA, João Belmiro Pinto da; GOMES, Paulino, (1998) *Braga: os tempos e o lugar...*, pag.38

O Barracão de Trandeiras,
Uma perspectiva sobre a arquitectura e urbanismo no Baixo Minho

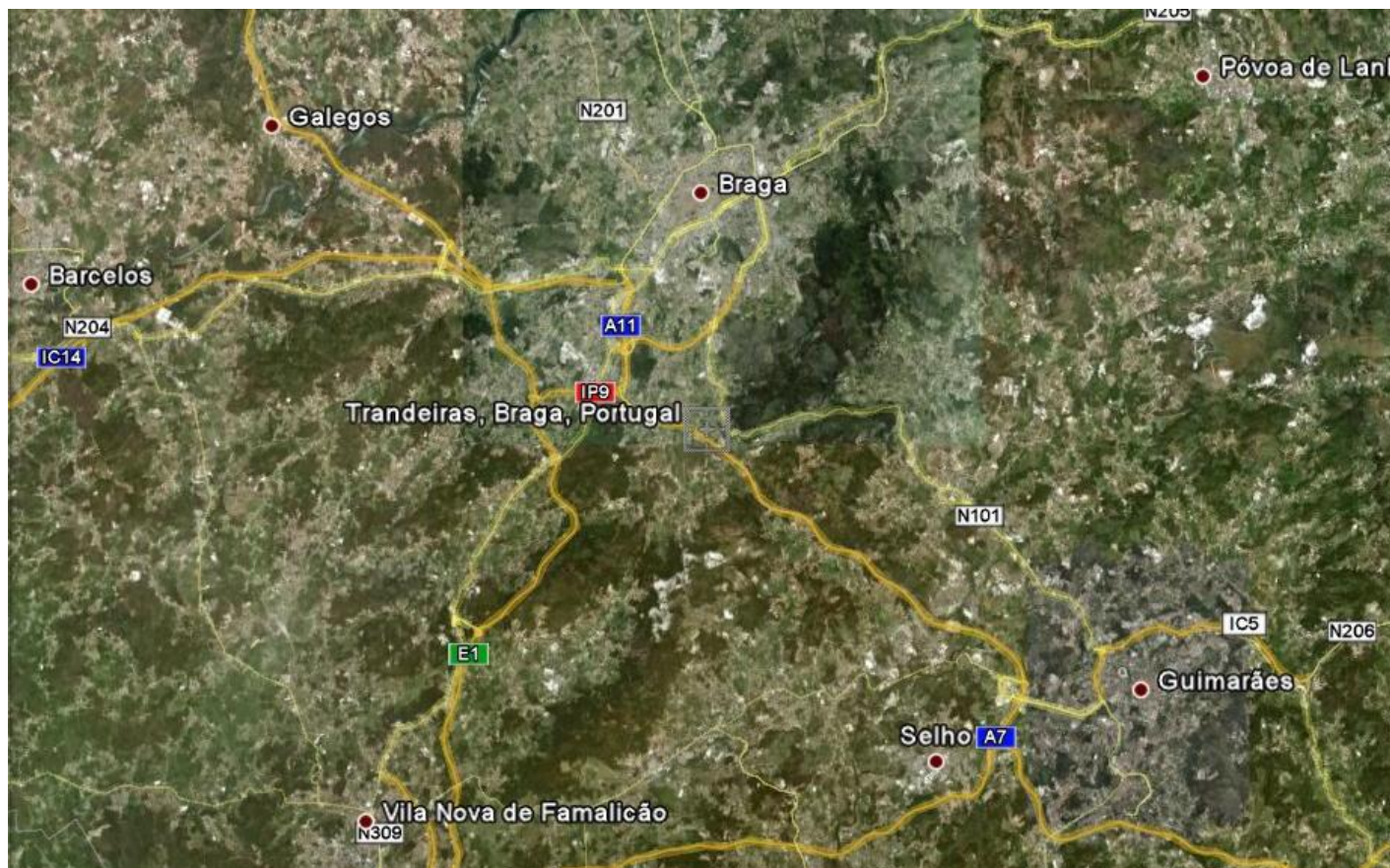


Fig.11- Foto de satélite, onde está identificada a freguesia de Trandeiras, assim como, com os centros urbanos mais próximos.



Fig.12- Vista da freguesia de Trandeiras a partir do monte onde se situa a mamoa de Lamas.

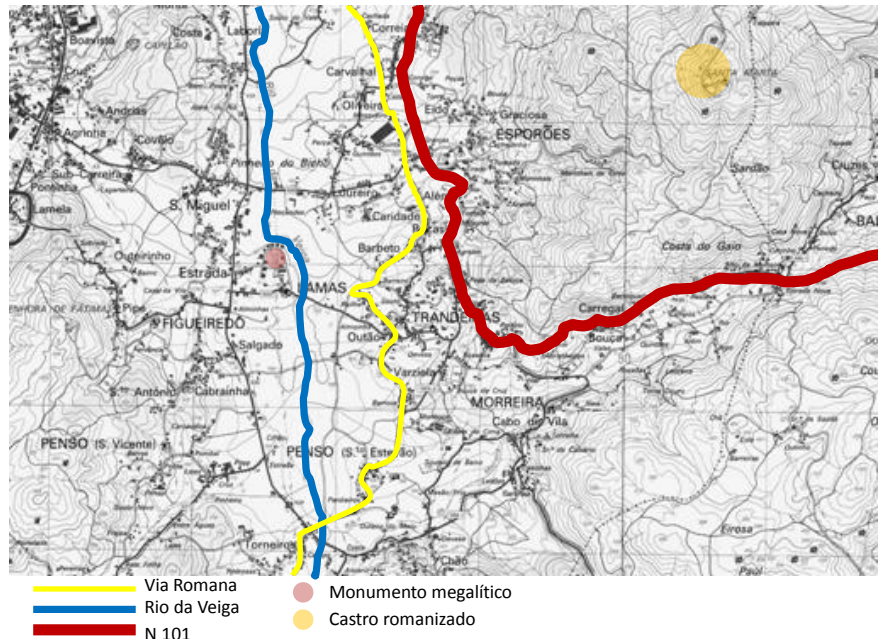


Fig.13

do concelho, faz fronteira com as freguesias de Esporões a Norte, Santo Estêvão de Penso a Sul, Morreira a Este e Lamas a Oeste. Embora lhe seja atribuída muitas vezes a definição automática, de uma zona periférica da cidade e predominantemente rural, fica apenas a cerca de 6km do centro da cidade de Braga, e 16Km de Guimarães e Vila Nova de Famalicão.

A área desta freguesia estende-se por uma encosta voltada a poente que faz a transição entre os férteis campos de uma veiga a Oeste e uma área de monte a nascente, que se estende por Nordeste até ao Santuário do Sameiro. Desde cedo, que esta zona terá atraído a ocupação humana com o seu clima ameno e recursos naturais como, água, floresta e terrenos férteis. Acredita-se que a milha V da via romana que ligava Braga (BRACARA) - Porto (CALE) - Lisboa (OLISIPO) passava na área desta freguesia, mais concretamente nos lugares de Almoinha,

Outão e Varziela³⁸, o que terá sido mais um motivo para a fixação de pessoas a este lugar ao longo da história.

Depois de efectuar alguma pesquisa sobre a origem da freguesia, a referência mais antiga relativa a Trandeiras, foi encontrada em documentos da Sé Bracarense da segunda metade do séc. XI, nos quais este lugar, aparece referido por nele existir uma villa³⁹, que teria sido propriedade de Egica, um notável rei Visigodo da Península (687 – 702).⁴⁰

Em 1072, aparece referenciada a doação desta villa, aparentemente situada em Ruilhe, e que terá sido uma zona de férias e repouso dos seus proprietários, ao bispo D. Pedro, por parte do Casal Eirigo Eitaz. Manteve-se propriedade da mitra de Braga desde 1072 até 1128, ano em que passa para a coroa portuguesa resultado de uma troca entre D. Afonso Henriques e a Sé de Braga.⁴¹

³⁸ <http://viasromanas.planetaclix.pt/#bragalisboa> "A via romana de BRACARA a OLISIPO estabeleceu a rota definitiva entre as duas cidades que subsiste até hoje, sobrepondo-se sucessivamente a Estrada Real, a Estrada Nacional EN1 e a Auto-estrada AE1. (...) O troço entre Braga e o Porto está bem documentado por inúmeros miliários. Esta via deveria partir do antigo Forum pela decumanus maximus ladeada pela Necrópole Romana de Maximinos na actual Rua de S. Sebastião; depois vira à esquerda pela Rua Direita, Largo de Maximinos, seguindo em frente pela cortada Rua Peão da Meia Laranja, Rua Felicíssimo Campos, atravessa a Rua Cidade do Porto ou EN103 e segue pelo CM1330 ou Rua da Ponte Pedrinha, (alusão a uma ponte antiga com eventual origem romana), depois de passar nas freguesias de Lomar, Arcos e Esporões, entrava em Trandeiras (talvez a milha V) percorrendo o actual caminho municipal 1343 que passa nos lugares de Almoinha, Outão, Varziela, e de seguindo depois para a freguesia de Penso St. Estevão.

³⁹ villa é a denominação de uma luxuosa casa de campo e respectivos terrenos, normalmente pertencentes a altas entidades religiosas, políticas ou militares. Algumas villas desta região foram subdivididas em casais que correspondem a lotes de terreno onde podiam viver uma ou mais famílias.

⁴⁰ O reinado Visigodo terminou com a sua expulsão em 711 pelos Muçulmanos de Tânger, comandados por Tarique, na batalha de Guadalete. No ano de 740, D. Afonso, o Católico, conquistou a cidade de Braga aos Mouros, os quais nunca deixaram de procurar reconquistar Braga e os seus ataques constantes surtiram efeito, tendo o califa de Córdova reconquistado a cidade em 985. Os mouros foram obrigados a abdicar mais tarde, a favor do Reino de Leão. (baseado na resenha histórica elaborada por José Dias.)

⁴¹ Esta troca acontece no mesmo ano que D. Afonso Henriques travou a batalha de S. Mamede, (24 de Junho de 1128), considerada esta data o primeiro dia de Portugal, embora só oficialmente reconhecido em 1143 com a assinatura do tratado de Zamora, entre D. Afonso Henriques e o seu primo D. Afonso VII Rei de Leão e de Castela.



Em 1163 volta a aparecer uma referência a Trandeiras, na qual Mendo Pais “Bofinho” e Nuno Pais “Vida” vendem os seus casais de Trandeiras à Sé de Braga⁴². Existem também referências a Trandeiras durante a idade média, relativas à nobreza aqui instalada, conhecida por “os de Trandeiras”, não se sabe se por aqui terem origem ou se por terem o seu solar principal.

Embora como localização de uma Villa, remonte no mínimo ao ano de 700, é difícil descobrir quando passou a freguesia. Contudo, a partir de uma citação de 1147 (3 anos após o tratado de Zamora) onde aparece referido S. Salvador de Trandeiras, Padroeiro da Freguesia, podemos especular que tenha sido D. Afonso Henriques rei de Portugal, entre 1128 e 1185, que promoveu Trandeiras a Freguesia.⁴³

Fig.14, 15 e 16- Algumas das casas mais antigas de Trandeiras, situadas no lugar de Ruilhe, embora não tenha sido possível confirmar podem ter origem na villa doada a D. Pedro.



⁴² “Viveu pelo menos até 1163, ano em que vendeu os seus casais de Trandeiras à Sé de Braga.” MATTOSO, José in *Identificação de um país, ensaio sobre as origens de Portugal*, a propósito de Mendo Pais Bofinho (e de Nuno Pais Vida) http://www.geneall.net/P/forum_msg.php?id=20588

⁴³ DIRENOR, (1997) *Braga-Freguesias* 97, pág.122,

2.4. Algumas transformações sociais e espaciais no séc. XX (evolução dos espaços públicos e das características construtivas)

2.4.1 Início do séc. XX

Em 1919 existiam 24 habitações em Trandeiras, a maioria delas implantadas nos lugares de Almoinha, Outão e Varziela, que ficam no fundo da encosta onde se estende a freguesia, perto dos terrenos férteis e da ribeira que percorre esta veiga. É fácil perceber a razão da proximidade com as áreas de cultivo, já que, a agricultura era a principal actividade económica. A localização deste aglomerado, que estará na génese da freguesia, está associada a um caminho que se acredita ter feito parte da antiga via romana que ligava Braga ao Porto e Lisboa, assim como, a um outro que hoje está identificado como um dos caminhos do famoso "Caminho de Santiago". As restantes



Fig.17 e 18- Alguns dos exemplos dos portais que davam acesso às casas de lavoura.

Fig.19- Em 1º plano vemos o característico muro em granito que delimita as propriedades e define as ruas, em seguida o típica horta minhota, ao fundo vemos a construção que se mistura com a vegetação.



Fig.20- Uma das "alminhas" que se situam normalmente em cruzamento de caminhos.

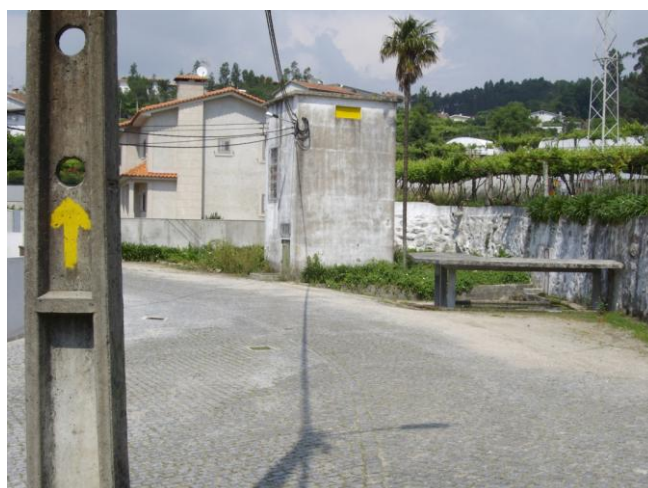
construções encontram-se um pouco mais para Este, numa área central do espaço da freguesia, que corresponde também ao local da igreja. Naquela altura o principal acesso à cidade de Braga ainda era feito pelos caminhos, cujo traçado remonta às vias romanas e ao caminho de Santiago.

A forte religiosidade era uma das imagens de marca das comunidades rurais do Minho, e Trandeiras não era excepção. Portanto os principais espaços públicos de reunião resumiam-se ao adro da igreja e ao largo do cruzeiro. Contudo, os fontanários e tanques públicos onde as pessoas se encontravam diariamente quando iam buscar água, levar os animais a beber, ou lavar a roupa, desempenhavam também um papel importante na sociabilização desta comunidade. É de assinalar a completa ausência de um importante espaço público de reunião que fosse laico.

Normalmente os tanques e fontanários ficavam situados junto aos caminhos e dispunham de algum tipo de largo que contrastava com a largura reduzida do caminho, possibilitando assim o ajuntamento de pessoas e animais. Observar a localização dos diferentes nichos dedicados à oração pelas almas do purgatório, localizados nas bermas dos caminhos permite-nos perceber imediatamente quais os lugares e caminhos mais antigos da freguesia.

A comunidade era constituída na sua maioria por famílias humildes, bastante numerosas e que, não possuindo propriedades, ocupavam as casas de lavoura a troco de trabalho nos respectivos campos de cultivo. O trabalho era árduo e no final do ano depois de entregar aos "senhorios"

O Barracão de Trandeiras,
Uma perspectiva sobre a arquitectura e urbanismo no Baixo Minho



Esquerda: Fig.21 e 22, direita Fig.23, 24 e 25- Nestas imagens podemos ver os principais espaços públicos da freguesia, que ora estão relacionados com a religião, ou com locais onde existiam os fontanários e tanques públicos. Destaque também para a seta amarela que aparece nos postes de iluminação, indicação do caminho de Santiago e prova da antiguidade destes lugares.

a sua parte dos produtos da terra, pouco lhes restava para comer. Talvez, devido a essas dificuldades, imperava um fortíssimo sentido comunitário e de solidariedade entre estes habitantes, que se ajudavam mutuamente na realização dos trabalhos do campo. Assim, algumas actividades como, as vindimas ou as desfolhadas, constituíam importantes meios de sociabilização e convívio entre eles. Este sentido de partilha e entreaajuda poderia ser explicado também, pelos fortemente impregnados valores cristãos, mas acima de tudo, penso que a principal razão se deve a esta ser talvez a única forma de ultrapassar as muitas contrariedades e assegurar a sua própria sobrevivência. Aparentemente poderíamos afirmar que o ser humano é instintivamente um animal social, contudo o grau de sociabilização possivelmente esteja dependente das necessidades e vantagens que cada indivíduo tem nessa sociabilização. Isto explicará o facto da sociedade daquele tempo viver de forma muita mais comunitária, e hoje estar a tornar-se mais individualista.⁴⁴

Fig.26- Um dos caminhos característicos definidos por muros de granito, que separam o público do privado.



Não obstante este sentido comunitário, existia também uma necessidade de afirmação individual através da posse de terras ou animais. À semelhança do que acontece por toda a região do Minho, em Trandeiras, predominava (e ainda predomina), o minifúndio, com a divisão das propriedades feita em muros de alvenaria em granito, originando uma separação bastante clara entre o público e o privado. O resultado é uma paisagem retalhada

⁴⁴ TIESDELL, Steven e Taner Oc, *Architecture and people*, in *Companion to Contemporary Architectural Thought*, pag.44-50. Neste texto onde é feita uma reflexão sobre a influencia do meio ambiente no comportamento das pessoas e nas relações entre si, é referido que as pessoas têm a necessidade de estabelecer relações sociais por diversas razões, como obtenção de ajuda, protecção, e sentimento de identidade, no entanto ao contrario do que acontece por exemplo com as formigas, o ser humano não é biologicamente um animal social equipado hereditariamente com capacidades para uma complexa vida associativa.

com ruas estreitas limitadas quase sempre por muros de pedra, utilizados muitas vezes como suporte de terras para garantir alguma estabilidade na topografia que permitisse cultivar as terras.

A relação das ruas com as habitações era feita por um espaço de transição muitas vezes coberto, que além de servir para guardar temporariamente algumas alfaías agrícolas ou o carro de bois, dava acesso às habitações, às lojas e adega, às cortes dos animais e ao sequeiro (também chamado nesta zona de “varandão”) que ficava voltado a sul e relacionado com a eira.

Estas construções caracterizam-se pelas suas técnicas construtivas simples e aperfeiçoadas ao longo de muitas gerações, devido ao facto de os materiais utilizados, especialmente nas construções mais humildes, serem praticamente os mesmos desde há centenas de anos. É muito interessante reparar nas semelhanças destas construções com as encontradas por exemplo na Citânia de Briteiros, ou outros castros romanizados com cerca de 2000 anos, onde se pode constatar que naquela época já eram utilizados o aparelho de pedra em granito assim como a madeira para estrutura, e as telhas em barro para revestimento das coberturas.

Os relatos de alguns habitantes mais velhos, sobre as tipologias destas casas rurais, e a forma como eram ocupadas, impressionam pelo grau de rusticidade e falta de salubridade. Um dos aspectos mais relevantes tem a ver com a relação de proximidade entre pessoas e animais, que por vezes partilhavam o mesmo piso, existindo apenas uma porta a separar o compartimento da cozinha do das cortes dos animais, embora que, o normal fosse a



Fig.27- Estado de degradação de um dos antigos portais que faziam a transição entre a rua e as casas de lavoura.



Fig.28- Esta imagem onde vemos um sequeiro em ruína, a ser utilizado para abrigar um automóvel, representa bem a mudança dos hábitos e actividades quotidianas desta população.

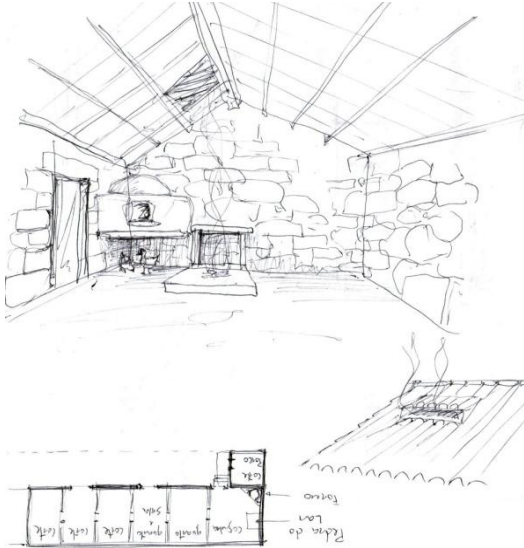


Fig.29- Nesta representação feita a partir de relatos de pessoas mais velhas, destaca-se o forno, sob o qual muitas vezes se guardavam galinhas, e a “pedra do lar” onde era feito o fogo para cozinhar e aquecer o espaço, o fumo saía directamente por uma abertura no tecto.

localização das cortes no r/c e as habitações no 1º piso. Esta promiscuidade entre pessoas e animais pode-se explicar pelo aproveitamento do calor produzido por estes, mas também pela simplicidade das pessoas que reconheciam a importância extrema destes animais na sua sobrevivência, e por isso, os tinham sempre por perto. Nestas condições de vida quase primitivas, destaca-se também a importância que a cozinha e o fogo, onde se reunia toda a família, desempenhavam na vida quotidiana, e levam-me a afirmar, embora correndo o risco de algum exagero, de que foi muito pouca a evolução ocorrida desde as casas castrejas. Talvez porque há 2000 anos, como no início do século XX, o estilo de vida das pessoas que habitaram este lugar assentava no cultivo da terra e criação de animais como principal meio de subsistência. Nunca conseguiam acumular muita riqueza, em parte, devido à excessiva divisão das propriedades e, por outro, ao facto de subsistir um sistema senhorial durante muitos séculos, que mantinha a maioria da população a trabalhar nas terras praticamente a troco de comida.

No entanto o facto de estas circunstâncias se prolongarem no tempo, fez com que a evolução e transformações do espaço ocorressem de uma forma lenta, completamente integradas com o lugar e adaptadas à vida das pessoas.

“O modelo é o resultado da colaboração de muitas pessoas durante muitas gerações, assim como da colaboração entre os que constroem e os que utilizam os edifícios, este é o significado

do termo «tradicional». Como todos conhecem o modelo, não há necessidade de desenhadores".⁴⁵ Amos Rapoport

O tempo apurou assim uma racionalidade e coesão assinalável no espaço, o homem construiu apenas, os espaços úteis e indispensáveis para o seu abrigo e dos seus animais, para a transformação e armazenamento dos produtos obtidos da terra, assim como os espaços exteriores necessários às actividades da agricultura, como a horta ou a eira. O resultado disto é uma imagem coerente e unitária, ao contrário, do que vamos ver a seguir nas construções posteriores aos anos 50.

*"(...) uma certa imunidade à inquietação espiritual que submete as feições eruditas da arquitectura a frequentes renovações; uma acomodação ao desconforto e à desbeleza, de que se nutre uma inércia poderosa; e o hábito dos mesmos gestos de semear, de plantar, de tratar e de colher, geração após geração, tudo isso imprimiu à vida dos rurais às suas ideias e às suas iniciativas uma marcada tendência para a estabilidade que falta nos outros meios, com outras ocupações"*⁴⁶

⁴⁵ RAPOPORT, Amos, (1972) *Vivienda y Cultura*, pag.16, citado na prova final *Arquitectura popular contemporânea*, pag.27, (2007) Porto : Faup, ano lectivo 2006/2007, elaborada por Bruno Monteiro, com orientação do Arq. Domingos Tavares

⁴⁶ Frase retirada do texto (que se pensa ter sido escrito por Távora), que faz a introdução ao inquérito à arquitectura popular, in *Arquitectura popular em Portugal - volume 1*. (2004) / coord. João Afonso, Fernando Martins, Cristina Meneses, 4ªed. pag.19

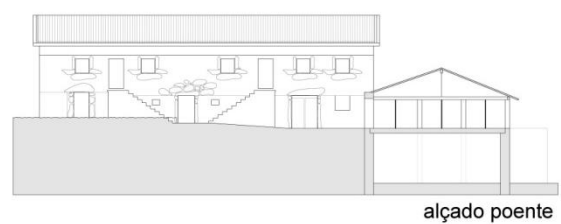
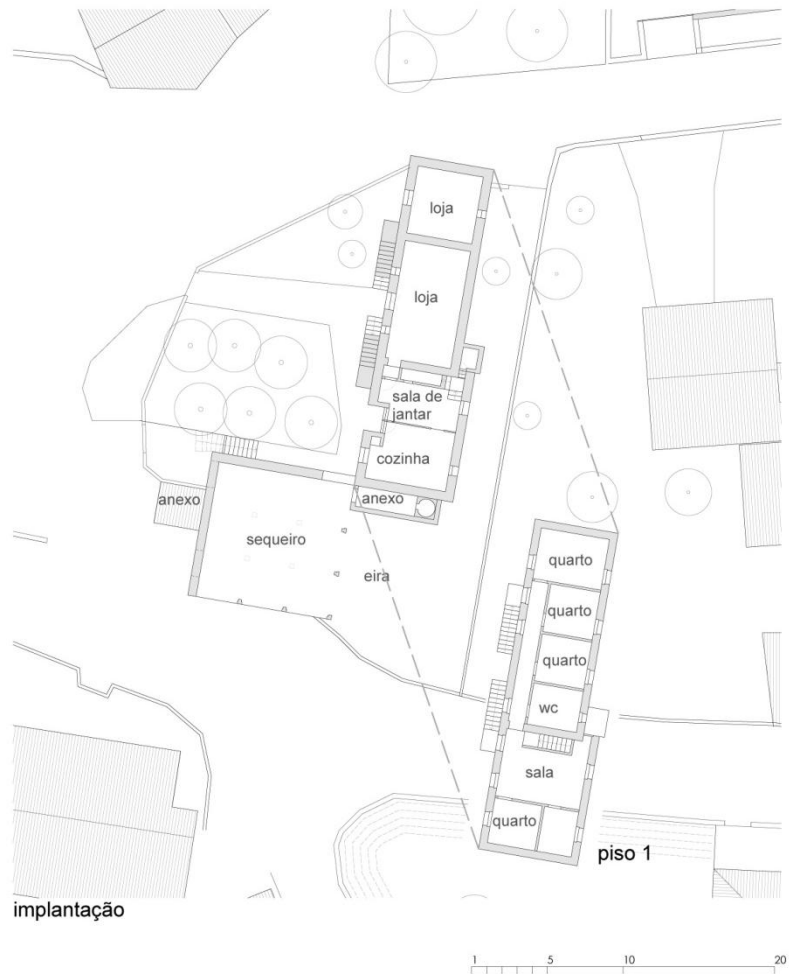


Fig.30- Nesta antiga casa de lavoura, podemos ver algumas das características construtivas referidas anteriormente. A organização espacial e funcional hoje é bastante diferente da original e apresenta algumas alterações, que servem de introdução ao que vamos ver de seguida.

2.4.2 Anos 40 até 90

*“A arquitectura popular regional não é urbana de origens nem de tendências. Pode «urbanizar-se», melhor de cuidados construtivos e apuros formais, mas, se lhe cortam as raízes que a prendem fortemente à terra e aos seus problemas, desvirtua-se, perde a força e a autenticidade.”*⁴⁷

Já nos anos 40 com a construção da estrada nacional 101, a freguesia tem oportunidade de ver a relação com a cidade de Braga facilitada. Como podemos constatar na carta militar de 1948 (fig.42) praticamente não existiam construções fora do núcleo original referido anteriormente, no entanto, com a construção desta importante infra-estrutura viária, sobretudo naquela época, que facilitava a ligação a Braga e Guimarães, surgiram novas construções nos lugares do Palácio e Poça da BÁCORA, que se multiplicaram especialmente a partir dos



Fig.31- Nesta imagem vê-mos uma casa rural e respectiva horta abandonada, enquanto ao fundo surge uma das fábricas que se implantaram na freguesia.



Fig.32- Estrada nacional 101, em Trandeiras, Lugar do Palácio.

⁴⁷ Frase retirada do texto provavelmente escrito por Távora, que faz a introdução ao inquérito à arquitectura popular em Portugal, in *Arquitectura popular em Portugal - volume 1*. (2004) / coord. João Afonso, Fernando Martins, Cristina Meneses, 4ªed. pag.19

Fig.33, 34 e 35- Exemplos de casas construídas nas décadas de 60, 70 e 80.



anos 60. Entre 1960 e 1980, o número de construções passou de 49 para 106 e não parou de aumentar a este ritmo até 2001 em que se contavam já 199 construções em Trandearias.

É interessante observar a influência que o aparecimento desta infra-estrutura teve nesta freguesia. Em primeiro lugar melhorou a qualidade de vida dos seus habitantes, permitindo-lhes maior facilidade de acesso a certos bens e serviços que só existiam no centro da cidade de Braga, depois, permitiu a instalação de algumas unidades industriais de pequena e média dimensão como uma fábrica de transformação de papel e duas de confecção têxtil, e acabou ela própria por estruturar não só um novo tipo de construções mas também um novo tipo de vida. Ao contrário do que tinha acontecido ao longo dos séculos em Trandearias, as pessoas que ocupavam o espaço próximo da estrada N101 já não viviam da agricultura, e tinham agora uma relação com a cidade como nunca tinha acontecido antes. De repente a cidade ficou a apenas 15 minutos de autocarro, as pessoas passaram a trabalhar e a estudar na cidade, o mundo como que cresceu, os hábitos de vida seculares foram alterados e como sempre isso reflectiu-se na ocupação do espaço. É claro que não podemos atribuir esta transformação apenas ao aparecimento da nova estrada, aliás ela própria resulta de uma série de circunstâncias daquela época, como o desenvolvimento industrial da região e do país, que possibilitou o aparecimento de novas tecnologias, facilitou a mobilidade e comunicação e trouxe novos empregos, deixando as pessoas de estar dependentes da agricultura. Essas mudanças ocorreram um pouco por toda a freguesia mas enquanto na parte mais "antiga" as pessoas que

tinham vivido sempre do campo continuavam a praticar as mesmas actividades, conciliando a vida do campo com o trabalho nas fábricas, os “habitantes junto da estrada” na sua esmagadora maioria viviam exclusivamente dos seus empregos.

Como foi referido anteriormente, a generalidade das pessoas que habitaram esta freguesia eram pessoas humildes que não possuíam terrenos e por isso sujeitavam-se a trabalhar para um proprietário, a troco de abrigo e comida. Este sistema era feito para manter ricos os ricos e pobres os pobres, porque estes dificilmente conseguiam juntar dinheiro para adquirir alguma propriedade. Por isso o aparecimento de novas oportunidades de mobilidade e de trabalho, na região ou no estrangeiro, foi automaticamente aproveitado por muita gente que desde sempre ambicionou possuir uma casa e um pedaço de terra. Com esta vontade e oportunidade de muitos habitantes construírem a sua própria casa, coincidiram especialmente 3 aspectos determinantes para a alteração radical da imagem de Trandeiras. Um foi uma nova abertura cultural, resultado de uma maior mobilidade e aproximação à cidade, e particularmente das novidades trazidas pelos emigrantes que tentavam a sua sorte sobretudo em França e na Alemanha a partir de finais dos anos 50. O outro é o aparecimento de novas técnicas e materiais construtivos, que revolucionaram a forma e imagem das construções. Finalmente, o estilo de vida assente na exploração da terra e dos animais, aos poucos deixava de ser a principal fonte de rendimento das pessoas da freguesia, que cada vez mais viviam dos seus empregos nas fábricas da região.

Fig.36- Igreja e salão paroquial



Fig.37- Vista escola construída na década de 50, com a igreja e salão paroquial ao fundo.



Fig.38, 39 e 40- Exemplos de alguns anexos construídos para satisfazer as necessidades de uma vida que ainda mantém alguns hábitos rurais.



A vida social, e formas de interacção entre as pessoas da freguesia que durante séculos esteve dependente quase exclusivamente das actividades religiosas e das actividades da lavoura, também sofreu alterações, e aos poucos foi evoluindo com o aparecimento de mais estabelecimentos que permitiam o convívio, como as tabernas, e mais tarde, os cafés. Também a construção da escola primária em finais de 50 criou mais um ponto de reunião e interacção social.

Em relação às construções que surgiram em Trandeiras a partir dos anos 50, caracterizam-se como já foi referido, pelo uso de novas técnicas e materiais construtivos. Um dos mais importantes foi o betão, embora com alguma desconfiança já que inicialmente era utilizado como reforço das estruturas existentes ou para construção de vigas em betão armado que permitiam vencer vãos superiores. A estrutura era normalmente constituída por paredes portantes em blocos de granito (especialmente no r/c), pilares em betão armado e lajes de piso em vigotas de betão armado e tijolo. A tipologia das habitações e imagem exterior foram evoluindo segundo o aparecimento de novas técnicas e materiais construtivos, e o gosto popular dos mestres-de-obras e dos emigrantes que nesta altura tentavam a sua sorte no estrangeiro. Os revestimentos exteriores mais comuns, para além dos blocos de granito no r/c, eram o reboco pintado nos pisos superiores, e o azulejo aplicado normalmente nas zonas de varanda. As coberturas continuavam em estrutura de madeira ou betão mas sempre revestidas com telha cerâmica. Novas preocupações relativas à higiene levaram à introdução de saneamento, construção de fossas sépticas e à separação

das cortes de animais em relação ao resto da casa. Começaram também a ser construídas paredes duplas em busca de maior conforto térmico, embora que, especialmente nos primeiros casos não fosse aplicado qualquer tipo de isolamento térmico.

Ao contrário das construções do século XIX e início do século XX que vimos anteriormente, estas novas construções eram geralmente executadas segundo um projecto. Contudo, é curioso constatar que esses projectos não se adequavam na totalidade aos hábitos dos seus utilizadores, por não contemplar, por exemplo, nenhum espaço para o desempenho das actividades relativas ao cultivo das terras ou criação de animais, que apesar de perder cada vez mais força estavam ainda bastante presentes no seu quotidiano.

Embora o estilo de vida das pessoas estivesse a mudar e por isso fosse normal que as tipologias das habitações também mudassem para adequar-se aos novos hábitos, parece que estas alterações não tiveram tanta atenção à vida dos seus habitantes como outrora. Não conseguiram perceber que as actividades rurais ainda desempenhavam um papel importante nas famílias, e que não se podia simplesmente repetir modelos de outras realidades.

Talvez porque o ritmo das transformações fosse demasiado rápido para a devida adaptação, esta arquitectura embora continuasse a ser popular, já não conseguia ter a integridade e racionalidade das que chegaram até ao início do século XX. O resultado foi a proliferação de um modelo de habitação que ia variando de família em família, consoante os seus gostos estéticos e

possibilidades económicas. Mas no final, completamente desfasado do resto do projecto da casa, surgiam os inevitáveis anexos construídos expeditamente para dar apoio às actividades agrícolas e criação de animais que continuavam a ser uma realidade nos "novos hábitos". Agora que as casas tinham como um dos principais objectivos fazer uma declaração pública do estatuto social dos seus proprietários, estas construções precárias destinadas normalmente à criação de animais ou armazenamento dos produtos do campo apareciam amontoadas nas traseiras, construídas de uma forma desembaraçada em tijolo, madeira ou chapas de zinco, normalmente associadas a um quintal ou horta, enquanto a frente da casa era decorada com um jardim.

*"o habitante rural debate-se com dificuldades em se afastar por completo da sua realidade tradicional. Se por um lado muitos dos que enveredam pela justaposição das práticas agro-pecuárias à habitação, isto porque uma cultura de trabalho ainda é muito forte, outros há que recorrem a essas mesmas práticas para equilibrarem o magro rendimento familiar. Esta realidade induz na casa a construção posterior, dado que a casa é uma concepção moderna e urbana e as necessidades espaciais para estas actividades não são contempladas para além de alguns espaços ambíguos e maleáveis que permitem a coexistência de funções."*⁴⁸

⁴⁸ "Arquitectura popular contemporânea" pag.49. prova final elaborada por Bruno Monteiro, com orientação do Arq. Domingos Tavares, FAUP, 2007

O Barracão de Trandeiras,
Uma perspectiva sobre a arquitectura e urbanismo no Baixo Minho

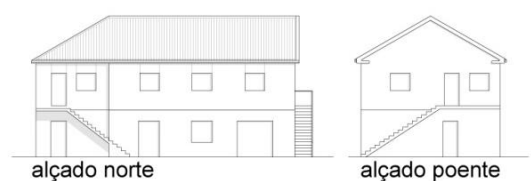
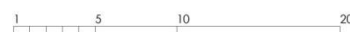
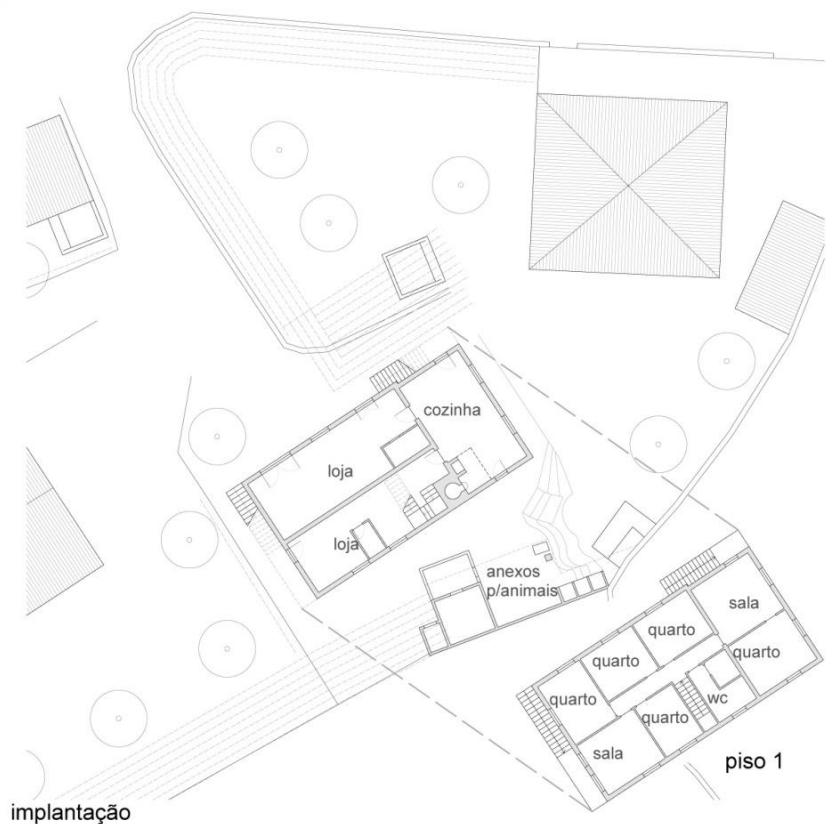


Fig.41- Esta é uma das casas construídas em finais da década de 60 e início de 70. O seu proprietário era emigrante, no entanto, tinha poucos recursos económicos. Embora na sua construção fossem já aplicadas técnicas e materiais da época, como paredes duplas e betão armado na estrutura, notam-se ainda algumas influências das casas anteriores, sobretudo na cozinha. Como usual nas casas que surgiram a partir desta época, existem nas traseiras os anexos feitos posteriormente para abrigar animais e utensílios ligados à agricultura.

2.4.3 Anos 90 até hoje

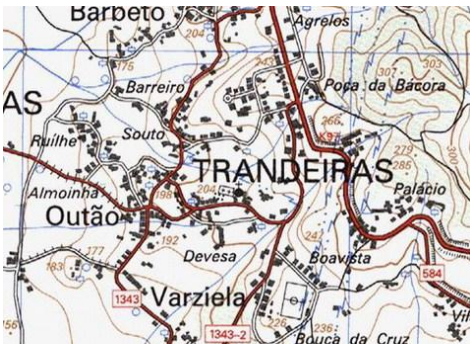
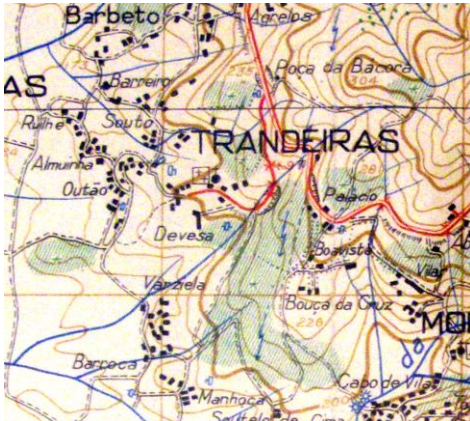


Fig.42 e 43- Em cima o levantamento topográfico feito pelo exército em 1948, e em baixo o mesmo tipo de levantamento mas de 1997. A partir desta comparação percebe-se claramente o aumento da construção especialmente junto à estrada nacional 101.

As transformações no estilo de vida e consequentemente no espaço da freguesia de Trandeiras, que ocorreram a partir dos anos 50 aconteceram de forma muito rápida mas constante, o que torna difícil separar esta evolução em espaços de tempo. No entanto, escolhi os anos 90, especialmente nos finais da década, por considerar que nesse período se acentuou mais a tendência que se vinha verificando desde 50. Ou seja, o contínuo aumento das construções ia ocupando os outrora campos de cultivo, e a vida rural existente no início do século XX, comum a praticamente todos os habitantes da freguesia, estava reduzida a uma horta nas traseiras de algumas casas e a alguns anexos onde faziam a criação de pequenos animais como coelhos ou galinhas.

A paisagem que se tinha mantido quase inalterada durante séculos tinha mudado radicalmente em poucas décadas. A imagem actual comporta apenas alguns vestígios daquele quadro retalhado pelas parcelas do minifúndio e animado pelas cores e texturas das diferentes culturas que iam sendo tratadas ao longo do ano. Muitas destas parcelas foram ocupadas por construções, as culturas substituídas por jardins, ou simplesmente abandonadas.

“Hoje, da agricultura como economia ficou apenas um resíduo neste território de minifúndio e socalco. Fora das áreas do vinho e do leite, a agricultura do Cávado está quase confinada a hortas e pomares para auto-consumo de uma população assalariada que vive de outras fontes de rendimento localizadas na proximidade

*(estamos no território da fileira da indústria das malhas), ou algures nos serviços localizados em Braga, Barcelos, Viana do Castelo ou V. N. Famalicão. Esta não é uma paisagem agrícola, portanto.”*⁴⁹

É também nos anos 90 que começam a ser aprovados os primeiros PDM's, no entanto, nessa altura a urbanização já estava processada de forma caótica, fruto do desregrado “boom construtivo” das décadas anteriores. Coabitam agora no mesmo quadro espacial, as rústicas construções populares dos finais do séc. XIX e início do séc. XX, (muitas já abandonadas), os típicos modelos dos anos 60, 70 e 80 com o seu quintal e respectivos anexos, algumas indústrias de pequena e média dimensão, e as mais recentes habitações construídas com as últimas técnicas e materiais disponíveis no mercado. E, ao contrário do que aconteceu no passado, actualmente é difícil determinar um único estilo ou modelo para estas novas construções, que tanto surgem inspiradas claramente numa linguagem mais contemporânea, como outras que tentam reproduzir «estilos» mais tradicionais.

*“Actualmente, na maioria das casas novas só duas pessoas gostam: o dono e o arquitecto.”*⁵⁰ Adolf Loos.

Não deixa de ser interessante como esta frase de Loos, embora com 100 anos, é perfeita para descrever esta realidade. Este aumento da individualização e diferenciação das casas acontece ao mesmo tempo, que se perde o sentido comunitário e de cooperação, característica marcante desta região e de Trandeiras em

Fig.44, 45 e 46- Exemplos de casas construídas nas décadas de 90 e 00.



⁴⁹DOMINGUES, Álvaro, (2003) *Políticas urbanas*, pag.31

⁵⁰ LOOS, Adolf, (1910) “ARQUITECTURA” in *Ornamento y delito y otros escritos*, pag.229. Este texto integra a bibliografia da disciplina História da arquitectura contemporânea leccionada pelo professor Carlos Machado na FAUP

particular. A mudança nos hábitos quotidianos determinou, que as pessoas não estivessem mais dependentes dos seus vizinhos, cada um tem o seu trabalho, a sua casa, o seu espaço. A facilidade de mobilidade e comunicação, que aproximou este pedaço de território ao resto do mundo, também ajudou a esta desagregação da comunidade, uma vez que os indivíduos têm mais facilidade e liberdade de escolha nas acções de interacção com outros indivíduos. Não podemos também esquecer, o papel da Igreja, que durante muitos séculos foi o principal aglutinador das comunidades desta região. Por isso, na minha opinião, outra das principais razões para esta progressiva perda de influência na comunidade, sobretudo nas camadas mais jovens.

Subsiste na maioria da freguesia a tipologia da habitação unifamiliar, afastada em relação aos limites do lote, no entanto aparecem já alguns exemplos de repetição de casas, ou construções geminadas. É de salientar, que depois de um crescimento significativo nas últimas décadas, actualmente o ritmo de construções abrandou bastante, não só pela conjuntura económica, mas especialmente porque existem muito poucos lotes disponíveis para venda. Esta situação leva a que muitos jovens tenham de procurar casa fora da freguesia, o que também contribui para o declínio de uma comunidade constituída durante séculos por sucessivas gerações de famílias. Em relação aos anexos referidos anteriormente, podemos constatar que começam a desaparecer nas construções mais recentes, isto porque de uma maneira geral, estas reminiscentes práticas agrícolas e criação de animais para consumo próprio estão cada vez mais restritas a uma geração nascida até aos

Fig.47- Um dos exemplos das novas tipologias de construção.



anos 50, que ainda preserva alguns ensinamentos e práticas da altura. E por isso, a paisagem retalhada com várias culturas, (uma das imagens de marca do território Minhoto) tende a desaparecer também.

Já no início no século XXI surge talvez a mais profunda alteração na paisagem de Trandeiras – a construção da auto-estrada A11. Esta marcante infraestrutura viária é um importante e necessário meio de comunicação e mobilidade, que desempenha um papel unificador à escala do território. Contudo, à escala local, além de sacrificar algumas habitações e campos de cultivo, provocou um corte no espaço da freguesia.

No que respeita ao espaço público, as ruas que durante muitos anos, eram partilhadas por peões, animais e escassos e lentos veículos, hoje devido à crescente disseminação do automóvel tornou-se menos confortável e atractiva para o peão. Actualmente praticamente todos os caminhos se encontram pavimentados, mas embora



Fig.48- Vista de uma antiga casa de lavoura, que ficou separada dos seus terrenos pela construção da A11.

tenham sido feitos alguns alargamentos ao longo dos anos, para adaptar esta estrutura ramificada de caminhos estreitos, ao uso do automóvel e sua maior velocidade, estes continuam na sua maioria sem largura suficiente para a introdução de um passeio para peões. Mas não é esta a única razão, a falta de disponibilidade financeira, também não ajuda à adaptação e reordenação do espaço público, o que explica em parte a falta de tratamento de alguns espaços colectivos que outrora tiveram alguma importância (largo do cruzeiro, fontanários, tanques públicos, entre outros) e que hoje se encontram praticamente abandonados. Esta situação também pode ser justificada pela alteração dos hábitos e estilos de vida que levam as pessoas a utilizar outros espaços para sociabilizar (incluindo espaços virtuais) deixando que, estes fiquem ao abandono. Os espaços públicos mais relevantes existentes neste momento são, um parque de merendas associado a um fontanário, ao lado da estrada nacional 101, um pequeno parque infantil junto ao nosso objecto de estudo, o adro e envolvente da igreja, e o complexo desportivo, que embora gerido por privados, está aberto ao público.

3. O BARRACÃO

3.1 O que é? Onde está? Como surgiu? Para que serve?



Fig.49- Vista do Barracão e da residência paroquial restaurada.

O *Barracão*, nome com que foi baptizado pelos seus utilizadores o espaço alvo deste trabalho, é um dos muitos anexos construídos a partir dos anos 50/60, em Trandeiras, e em toda a região de Braga para servir de abrigo aos animais, que por razões de salubridade, deixavam de estar directamente associados às habitações. Neste caso a habitação, tratava-se de uma construção popular provavelmente de finais do século XIX, propriedade da Paróquia de Trandeiras, situada no centro da freguesia, junto à igreja. A sua implantação, no limite da propriedade, deixava o restante terreno livre e desimpedido para cultivo das terras. A casa, construída para servir de residência ao pároco, era ocupada por um caseiro, que estava encarregue de cultivar os terrenos adjacentes. É constituída por dois pisos. O r/c que, na altura da construção do anexo, ainda servia de adega e armazenamento de alguns instrumentos e produtos das actividades agrícolas, e o 1º

O Barracão de Trandeiras,
Uma perspectiva sobre a arquitectura e urbanismo no Baixo Minho



Fig.50- Residência paroquial e envolvente antes da construção do parque infantil.



Fig.51 Planta do r/c da residência paroquial e respectivo anexo antes de ser ocupado pelo agrupamento de escuteiros



Fig.52- Vista aérea do centro de Trandeiras, com a identificação do Barracão.



Fig.53- Imagem do Barracão depois de ter sido utilizado como cozinha e bar de apoio a um arraial.



Fig.54- Estrutura da cobertura original.

andar que incluía a cozinha, um quarto de banho, 3 quartos e uma sala. O anexo, epicentro do nosso trabalho, foi construído junto à fachada Sudeste da casa, onde existia uma porta no r/c, e duas janelas no 1º piso. Encostou-se ao muro de granito que define e separa a propriedade da rua. No espaço existente entre a casa e este anexo existia uma cancela de 2,2 metros de largura e 1,20m de altura.

A sua construção é simples, algo grosseira até, e não sugere que tenha existido qualquer tipo de projecto para a sua execução, como é de resto habitual neste tipo de construções. As paredes são constituídas por tijolo furado de argila e reboco areado. Para além do lado Nordeste, encostado ao muro, também as dos lados Sudeste e Noroeste são completamente cegas, existindo apenas duas portas no lado Sudoeste. O interior estava dividido em duas zonas por uma fiada de tijolo e uma vedação em madeira. A zona que correspondia à porta mais pequena (0,65m) servia de corte do porco, a zona correspondente à porta maior (1m) abrigava a vaca e continha ainda um espaço destinado a coelhos e galinhas. Esta concentração de animais é impressionante se pensarmos que estamos a falar de uma área com apenas 13,5m². A cobertura, de uma água era constituída por telha cerâmica sobre uma estrutura rudimentar de madeira, sob a qual existiam uns suportes improvisados que serviam para guardar feno e alguns utensílios da lavoura. O pavimento ficava cerca de 15cm abaixo da cota de soleira, para permitir a acumulação do estrume, que depois era utilizado como fertilizante nas terras. E era em betonilha para facilitar a limpeza.

Das diferenças em relação às construções antecessoras, destaca-se o uso de materiais como argamassas de cimento e tijolo, que começavam a ser produzidos em massa, o que os tornava economicamente atractivos, e muito utilizados nas construções daquele tempo. Os materiais e técnicas desta construção distinguiam-no da habitação, contudo, a sua natureza racional e utilitária tipicamente popular, conferia-lhe alguma capacidade de integração que era reforçada pela ramada que o envolvia.

Com a evolução do estilo de vida das pessoas, que trabalhando fora da freguesia, cada vez mais abandonavam o cultivo dos campos e a criação de animais, especialmente os de maior porte como vacas ou porcos, estes anexos foram perdendo a utilidade. Este anexo não foi excepção, embora a história deste caso específico e as razões do seu abandono sejam diferentes.

Na década de 90, depois da morte do caseiro, a casa, embora já apresentasse sérios sinais de degradação, foi ocupada e utilizada como sede, pelo Agrupamento de Escuteiros 1151 da paróquia de Trandeiras. Pouco tempo depois, no Verão de 1998, o Agrupamento decidiu aproveitar este espaço anteriormente utilizado como corte de animais, para improvisar uma cozinha de apoio a um arraial. O espaço foi limpo, e recebeu algumas alterações, como a introdução de água canalizada e a instalação de uma lava louça.

Aos poucos, aquele grupo de pessoas foi fazendo alguns melhoramentos que permitiram, embora em condições bastante precárias, que aquele espaço mantivesse as condições mínimas para servir de abrigo aos



Fig.55 e 56- Obras de transformação deste anexo, numa cozinha improvisada, executadas pelos próprios escuteiros.

seus convívios nos fins-de-semana. Com o tempo, o tipo de utilizadores deixou de estar restrito aos escuteiros e nele juntavam-se cada vez mais pessoas, das mais variadas idades e ocupações, todas movidas simplesmente pela vontade de ali se reunirem com os amigos, partilhando experiências e conversas, num ambiente de amizade e camaradagem. Foram sendo feitas alterações no espaço tanto com o intuito de o dotar de maior eficiência e conforto físico como, também, introduzindo objectos de função puramente decorativa, que expressavam não só um determinado gosto, mas, acima de tudo, memórias colectivas.

A principal alteração, que na minha opinião, transformou para sempre aquele espaço, foi a construção de um pequeno forno. A introdução do fogo para além de satisfazer algumas necessidades primárias como produzir calor no Inverno, ou permitir cozinhar alguns alimentos, provocou, pelo seu simbolismo ancestral, uma maior humanização do espaço. A inauguração foi motivo de festa e o forno passou a ser um símbolo do próprio *Barracão* e do espírito que ele contém.

Na sua envolvente a mais importante alteração ocorreu em 2003, quando, a pretexto de uma actividade escutista internacional (*Roverway2003*), foi construído ao lado do *Barracão*, o primeiro (e único) parque infantil da freguesia. Isto reforçou o carácter de convergência e ponto de reunião daquele lugar, que passava a ter mais um motivo de atracção. Esta e muitas outras iniciativas de interesse para a comunidade partiram das pessoas que frequentam este espaço singular, que se tornou fundamental para a convivência entre muitas e variadas

Fig.57- Construção do parque infantil, elaborada pelos escuteiros envolvidos no "Roverway 2003".



peçoas num ambiente de tertúlia e amizade, fez avivar de novo o espírito comunitário e combate a, cada vez maior, tendência de individualismo da sociedade actual.

3.2 O que representa como forma e como espaço

Depois de mais de uma década de experiências e memórias partilhadas, o *Barracão* tornou-se parte importante da vida de quem o frequenta e uma referência na comunidade. É interessante constatar que, ao mesmo tempo que a partilha de experiências foi fortalecendo os laços de amizade entre as pessoas, também intensificava a ligação das pessoas em relação ao próprio espaço, à sua forma e materialidade. No início, esta construção foi ocupada apenas por estar disponível e satisfazer a necessidade básica de abrigo a um interesse comum que era a reunião e o convívio. No entanto, hoje, é o próprio espaço que através da sua forma, materialidade, atmosfera



Fig.58- Grupo de pessoas, vindas de várias partes do mundo, envolvido na construção do parque infantil.

e simbolismo, estimula o convívio, ao ponto de sem ele, na opinião de muitos frequentadores, esse convívio não fazer sentido. Este sentimento de fidelidade ao espaço que frequentam, pode ser explicado pelas inúmeras memórias partilhadas, obtidas a partir dele, que resulta, como eles próprios afirmam, na criação de uma "mística" que dá maior sentido às acções que lá desenvolvem. Este não é um fenómeno invulgar, pelo contrário, é frequente o ser humano estabelecer relações de afecto com determinados objectos, espaços ou lugares a partir das suas experiências e memórias, individuais ou colectivas. Não é minha intenção dissertar sobre isso neste momento, mas considero que é um tema muito importante a ter em conta quando se fala sobre arquitectura. Se é óbvio que, não se pode tratar de arquitectura sem entender a importância do espaço, não podemos esquecer que é impossível separar do espaço, o tempo e todas as suas implicações. Por isso, como pode acontecer com qualquer outro lugar, construção, ou objecto, que num determinado espaço de tempo fez parte da vida de alguém, o *Barracão* ao ter sido o cenário de incontáveis vivências e experiências tanto individuais como colectivas, adquiriu um simbolismo e identidade própria que o tornam uma referência no tempo e no espaço.

Fig.59- Forno do Barracão, uma referência deste espaço.



O Barracão de Trandeiras,
Uma perspectiva sobre a arquitectura e urbanismo no Baixo Minho



Fig.60



Fig.61



Fig.62



Fig.63



Fig.64



Fig.65

Actividades desenvolvidas neste espaço, que contribuíram e continuam a contribuir, para a coesão e dinamismo de toda a comunidade.

3.3 Reflexão sobre a arquitectura e o urbanismo no Baixo Minho, a partir deste caso singular

À primeira vista pode parecer redutor eleger como caso de estudo para uma dissertação de arquitectura, um pequeno e rudimentar anexo de uma habitação, igual a tantos outros que se disseminaram, especialmente a partir dos anos 50, nas traseiras de praticamente todas as casas das freguesias mais rurais do Minho. No entanto, tenho uma forte convicção de que a integridade e autenticidade deste exemplo, por ter sofrido a contaminação do tempo e espaço que o envolvem, e pelas transformações espontâneas de que foi alvo, pode-nos ajudar a reflectir sobre alguns temas interessantes, como as construções populares (das mais antigas às mais recentes) e os hábitos da autoconstrução, fortemente enraizados nesta população, além do tema da "desruralização" do território, com todas as suas consequências espaciais e sociais. Por isso, um dos meus objectivos passa por conseguir através deste caso de estudo, lançar uma nova perspectiva sobre a arquitectura e o urbanismo no Baixo Minho, em particular nas zonas periféricas de centros urbanos como é o caso de Trandeiras.

Embora seja verdade que o *Barracão* é uma simples construção popular, sem a erudição das grandes obras arquitectónicas como as pirâmides egípcias, o panteão de Roma, ou a catedral de Florença, não é menos verdade que partilha, com estas e todas as construções realizadas pelo homem, o facto de reflectir uma reacção a determinadas circunstâncias.

*“Nem sempre o autor é um arquitecto (...) O autor constrói movido pela emoção e movido pela necessidade, seja erudito ou seja popular”*⁵¹ Álvaro Siza

Como vimos anteriormente, a arquitectura nasce da resposta humana a determinada necessidade física ou espiritual. Então, podemos dizer, que mais que uma acção, a construção humana, ou arquitectura, é uma reacção e, como tal, resulta de uma ou várias circunstâncias que despoletam e influenciam essa reacção. Por sua vez, estas reacções reflectem as circunstâncias que lhe deram origem, reflectem o próprio Homem, o modo como este se relaciona com o mundo que o rodeia, as actividades que desenvolve, as experiências acumuladas, os seus medos e até os seus sonhos. O Barracão é uma forma construída pelo homem, e, como espaço edificado, é um produto da territorialização⁵² de uma organização social.

Quando analisamos a reacção que está na sua génese, vemos que o aparecimento desta e de outras construções semelhantes, reflecte uma época de grandes transformações sociais e espaciais nesta região. Como também já referi, o despontar da industrialização em Portugal e em especial na região do Minho veio alterar os modos de vida enraizados durante séculos. A maioria da população, até ali unicamente dependente do trabalho no campo, aproveitou as oportunidades de emprego nas várias indústrias que surgiam um pouco por todo o território, para obter melhores rendimentos económicos e melhorar a

⁵¹ SIZA, Álvaro, *A propósito de uma arquitectura de Fernando Távora*, citado na pag.69 da prova final “A reabilitação do antigo como obra nova, a partir da arquitectura de Fernando Távora em Guimarães” realizado por Natália Costa e orientada pelo Prof. Carlos Machado, Porto, FAUP, 2006

⁵² termo utilizado por Álvaro Domingues em PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro [et.al], (2003) *Políticas Urbanas: tendências, estratégias e oportunidades*. pag.25



Fig.66 e 67- Alguns exemplos da auto-construção.

sua qualidade de vida. Contudo, esta é uma região “onde a perda de importância da economia agrícola não se fez acompanhar do esvaziamento populacional devido à industrialização rural difusa que começou em meados do século XIX.”⁵³ Pelo contrário, a população nestas áreas continuou a crescer e a ocupar muitas vezes o espaço anteriormente destinado à agricultura. Este aumento exponencial na construção acontece especialmente a partir dos anos 60, e as pessoas que constroem casa nesta altura embora se sintam identificadas com a cultura rural em que nasceram e viveram parte da sua vida, têm agora outras ambições e outros meios para as alcançar. Começam a sofrer influências vindas de um mundo que ia abrindo as suas portas através da maior facilidade de mobilidade e comunicação. Possuem melhor capacidade financeira em relação ao tempo em que os seus pais adquiriram casa (os que conseguiam), alteram os seus hábitos quotidianos e relações sociais, a par disto, passam a ter, um leque cada vez mais variado de opções construtivas. Então, as casas construídas aparecem nas mais variadas formas e feitios, mas com um aspecto que era comum à maioria delas: uma inadequação ao estilo de vida dos seus habitantes. Talvez esta inadequação resultasse da rapidez com que as mudanças na sociedade estavam a acontecer e não existisse o tempo necessário para que as construções absorvessem os novos estilos de vida. No entanto, o saber popular da “autoconstrução” ainda estava presente nestas pessoas, tal como no

⁵³ DOMINGUES, Álvaro (2006) *Cidade e democracia: 30 anos de transformação urbana em Portugal.*, pag.34

passado, e elas próprias iam resolvendo os problemas de adaptação à sua maneira.

Este aumento da construção, na sua maioria executada por pessoas sem formação profissional nas áreas de arquitectura e urbanismo, resultou num descontrolo da imagem das construções e na ocupação do território que, como já vimos anteriormente, se encontra completamente retalhado por vários proprietários. Os modos de vida diferentes, também reflectem formas de urbanização diversas que, aliadas a um défice de regulação urbanística, podem levar a um gasto excessivo de solo, descontinuidade e fragmentação do tecido urbano, rarefacção da densidade, défice de infra-estruturação e de desenho urbano, desperdício de recursos ambientais e gastos de energia.⁵⁴

É este o preço que uma sociedade sem preocupações na ordenação do espaço tem a pagar. Já os gregos diziam que os deuses para castigar uma sociedade, lhes retiravam os arquitectos. Hoje, um dos maiores desafios que enfrentamos como sociedade, passa por tentar recuperar o território das violações sucessivas das últimas décadas, reestruturar e qualificar a extensa mancha urbanizada, assim como proteger e valorizar os recursos ambientais e paisagísticos.

Mas, não foi só a paisagem que sofreu alterações, também as relações sociais estão diferentes. Será que podemos pensar só em proteger e reabilitar o património construído, as paisagens e recursos ambientais, sem

⁵⁴ DOMINGUES, Álvaro (2006) *Cidade e democracia: 30 anos de transformação urbana em Portugal*. pag.21



Fig.68 e 69- A auto-construção continua a ser uma realidade muito presente nesta freguesia, e estes são alguns exemplos de construções que estavam a decorrer durante a elaboração deste trabalho.

preservar a essência das relações sociais que originaram essa paisagem?⁵⁵ Se realmente é reconhecido algum tipo de valor na paisagem, e em tudo o que representa, não me parece que seja viável tentar a sua preservação desligada do tipo de relações sociais que lhe são características. Devo esclarecer, que não estou a defender que as pessoas vivam como à 60 ou 70 anos atrás, nem tão pouco que as casas e a ocupação do território deveria imitar o que existia até às primeiras décadas do séc. XX. No entanto considero que a essência das características pode e deve ser preservada. Ou seja, uma casa pode ser feita com materiais actuais, satisfazendo necessidades diferentes das de outras épocas. O estilo de vida dos indivíduos de uma comunidade pode ser distinto do que tinham os seus antepassados, contudo isso não implica que não possa ser assegurado o seu código genético, preservando as qualidades e se possível corrigindo os defeitos, mantendo assim uma identidade própria.

“Não aceito a influência da Arquitectura Tradicional como modelo formal, mas sim como uma soma de experiências, muito demoradas, de adaptação ao meio, reflectindo igualmente as transformações desse relacionamento. (...) Compreender as relações entre as formas de vida e a Arquitectura é muito útil, não para idealizar propostas de organização de espaços, mas para

⁵⁵PEREIRA, Arnaldo e MIDÕES, Ágata, (1997) *Regionalização e Identidades Locais: preservação e reabilitação de centros históricos*. pag.55 “Preservar património não significa apenas recuperar edifícios” é uma frase que, embora retirada de um contexto relacionado com reabilitação urbana, onde se defende que a preservação dos valores identidade dos bairros só se consegue com a preservação da população portadora desses valores. Penso que pode fazer sentido ser transportada para a realidade tratada neste trabalho, porque todas as transformações que estão a ocorrer no espaço urbanizado têm descaracterizado não só o próprio espaço mas também a própria população e seus costumes.

*compreender os problemas concretos de uma sociedade."*⁵⁶

Álvaro Siza

Actualmente, existe quem diga que a nossa sociedade vive uma crise de valores. Concordo com esta afirmação e considero, também, que isso poderá ser o resultado de uma crise de identidade, provocada por uma transformação do espaço em que vivemos, que ocorre a um ritmo alucinante. Ao longo do tempo habituamo-nos a ver reflectido na paisagem a identidade própria de cada lugar e das suas gentes. Especialmente a separação entre cidade e campo, que durante séculos, era claramente definida e limitada por muralhas. Contudo, hoje já não se consegue definir muito bem onde terminam as cidades ou onde começa o campo. Com todas as transformações ocorridas nas últimas décadas, que misturaram a "cidade" com o "campo" através das tecnologias e maior mobilidade, esbateu-se a separação tradicional entre o rural e o urbano

É neste espaço de indecisão entre o rural e o urbano, cada vez mais extenso, que encontramos freguesias como Trandeiras, onde a existência do tipo de anexos referidos anteriormente é um dos reflexos dessa hesitação. Na sua fachada principal, as casas parecem querer fazer esquecer a miséria associada a séculos de ruralização, no entanto nas traseiras, mantêm-se as marcas de um passado ligado ao cultivo da terra e criação de animais.

Nestes territórios em transformação, destacam-se *"a importância das infra-estruturas de mobilidade como suporte da edificação, englobando redes arteriais e redes*

⁵⁶ SIZA, Álvaro, (2009) *Uma questão de medida*. /entrevista Dominique Machabert, Laurant Beaudouin. trad. Vera Cabrita pag.27

mais ou menos capilares; a intensidade da infra-estruturação (água, saneamento, gás, electricidade, telecomunicações) e a sua extensão ao território; a diversidade de funções (habitação, escolas, indústria, comércio e serviços, logística, etc.); a variação de densidades e intensidades urbanas; a fragmentação do espaço construído, combinada com formas lineares ao longo da rede de estradas; a mistura de usos do solo, mesmo ao nível da própria parcela e os casos correntes de plurifuncionalidade dos edifícios (rés-do-chão comercial e primeiro andar residencial) "57.

Em contrapartida se considerarmos que a paisagem rural significa: *agricultura como base da economia, do rendimento e do emprego, a sociedade camponesa como estrutura social e cultural, enfatizando a tradição, os laços de vizinhança e família, a religiosidade, e a paisagem como registo de uma ocupação do solo, da sua transformação, de uma estrutura de povoamento*"58, então, embora uma imagem romantizada do rural continue a fazer parte do subconsciente da maioria da população, Trandeiras não é mais rural.

O rural da vida em comunidade, partilha e entre ajuda, numa paisagem de campos cultivados e animais a pastar, já não existe, e provavelmente não voltará a existir. Os campos estão ao abandono, os animais limitados a uma "capoeira" e, no que respeita às relações sociais entre os habitantes, também já são bem diferentes de há 50 anos para cá. Embora a proximidade entre as pessoas e o

⁵⁷ DOMINGUES, Álvaro (2003) *Políticas Urbanas: tendências, estratégias e oportunidades*. pag.31

⁵⁸ DOMINGUES, Álvaro (2003) *Políticas Urbanas: tendências, estratégias e oportunidades*. pag.31

sentido comunitário ainda não tenha desaparecido totalmente, muito por influência de alguns grupos ligados sobretudo à religião, a tendência é para que isso aconteça e, para conseguir preservar este sentido comunitário, a Arquitectura pode ter um papel importante.

Outro aspecto que considero interessante realçar na ocupação deste território, tem a ver com o facto de na maioria dos casos os filhos construírem perto da casa dos pais, nos terrenos outrora agrícolas, (e cada vez mais reduzidos), que estes tinham conseguido adquirir depois de uma vida de trabalho. Surge assim um tipo de urbanização característica destas aldeias - as casas de diferentes indivíduos da mesma família agrupam-se em volta da casa do patriarca. Isto reflecte o que penso ser uma das principais características das comunidades minhotas - a importância da família. A união familiar e um forte sentido de pertença e identidade é expresso na relação com o território, onde as pessoas nascem, vivem e morrem num terreno que se orgulham de ser seu e que vai passando para as gerações seguintes. Esta forte base familiar, a par da igreja, foi durante muito tempo um dos pilares da comunidade de Trandeiras, (assim como de outras comunidades minhotas), responsável pela manutenção da união e identidade da freguesia. O mundo global de hoje tem diluído a importância tanto da igreja, como da proximidade da família na organização social e espacial. Até poderá ser irónico, que este forte sentimento de pertença e identidade expresso nos terrenos que se possuem, que durante muito tempo manteve as famílias unidas e identificadas com um lugar, hoje possa por em



Fig.70- Neste exemplo vemos representado o r/c da 1ª casa construída neste terreno, ao longo dos anos o espaço inicialmente destinado ao cultivo foi sendo ocupado pelas habitações dos filhos do proprietário da 1ª casa.

risco a manutenção dessa mesma união. Ou seja, neste momento em Trandeiras, a maior parte do terreno livre para construção, não se encontra disponível para venda precisamente pela inflexibilidade dos seus proprietários em abdicar de uma propriedade que pertence à sua família, ou pelas próprias famílias não se entenderem na hora de partilhar as heranças, o que leva muitos jovens a ter que abandonar a freguesia na hora de adquirir um terreno e construir uma habitação.

É então que surge uma nova reacção a estas circunstâncias. A espontaneidade com que surgiu, sem plano nem projecto, arquitecto ou promotor, simplesmente para responder à necessidade de albergar os animais, que por questões de higiene, já não tinham lugar na casa, repetiu-se quando se alteraram as circunstâncias, e surgiram novas necessidades. Primeiro como cozinha improvisada, e depois como local de reunião e convívio. Esta reacção, parece reflectir uma tentativa instintiva de luta contra a tendência da progressiva individualização da sociedade, e não deixar morrer o espírito comunitário característico deste meio, outrora rural. Não deixa de ser interessante reparar que este tipo de construção que resulta de um estilo de vida campestre muito característico não só desta região, mas de uma geração mais ruralizada que está a desaparecer, se tenha transformado precisamente num guardião do espírito comunitário e de partilha tão próprio dessa forma de estar na vida, que parece estar em extinção.

Ao estudar esta “reacção”, podemos ainda constatar a persistência no recurso à construção popular,

que ainda continua bastante enraizada neste meio. E ao ter o privilégio de frequentar este espaço desde a sua inauguração, pude presenciar de perto toda a lógica que está na essência das construções populares. O seu carácter expedito, construindo conforme as necessidades, e aproveitando os escassos recursos e as oportunidades que vão surgindo, através de um conhecimento técnico baseado numa aprendizagem adquirida a partir da experiência. O gosto é sempre relativo, e como se costuma dizer “não se discute” mas percebe-se que neste caso encontra-se completamente influenciado pelo resultado das experiências e memórias, individuais e colectivas dos utentes deste espaço.

É de realçar ainda que o facto de a construção ser um produto directo das suas ideias gostos e acções, faz com que os que participam na construção se sintam verdadeiramente identificados com aquele espaço, ao ponto de elas próprias se tornarem uma parte dele, a par dos restantes elementos como pedras tijolo ou madeira.



Fig.71,72 e 73- Estas imagens representam mais um exemplo de auto-construção. Com o aproveitamento de vários tipos de materiais (madeira, metal, betão e até toldos publicitários), um grupo de populares construiu um espaço para realização de actividades com vista a angariação de dinheiro para a restauração da residência paroquial.

3.4 Qual o papel do arquitecto perante esta realidade?

"Lutar corajosamente com inteligência e civismo, com moralidade"⁵⁹ Fernando Távora

Embora ao longo deste trabalho se tenha focado sobretudo a situação dos anexos que surgiram ligados às reminiscentes práticas de uma comunidade rural, não podemos esquecer que também surgiram e continuam a surgir, os que eram construídos da mesma forma ilegal e expedita para abrigar, por exemplo, pequenas oficinas de empresas familiares. Também estes surgem por norma nas traseiras das casas, em alguns casos até encostados a elas e, pelo que tenho assistido, embora esteticamente já existam mais preocupações na elaboração destes anexos, fruto também de melhores recursos económicos, eles vão continuar a ser feitos ilegalmente, sem o auxílio de profissionais, ou sem respeitar qualquer regra de ordenamento, não só pelo «prazer» da autoconstrução, mas, acima de tudo para evitar pagar as respectivas licenças e impostos.

Ao contrário do que aconteceu num passado recente, actualmente existe uma grande oferta de profissionais ligados à área de arquitectura e urbanismo. Por isso, poderíamos pensar que a tarefa de conseguir uma ordem e coerência na organização e funcionamento deste território estaria mais facilitada. No entanto, tendo em conta a realidade em que vivo, penso que isso não será suficiente. Para além da falta de terrenos públicos e da grande divisão das propriedades privadas dificultar muitíssimo o trabalho de

⁵⁹ TÁVORA, Fernando, (Junho 1992) "Coisa Mental", entrevista de Jorge Figueira. In Unidade3 – Arquitectura ou chuva, pag.105

quem tenta ordenar o território, subsistem ainda, especialmente nas pessoas desta região, fortes hábitos de autoconstrução e desconfiança no trabalho dos arquitectos que é necessário superar.

Esta é a realidade, a transformação do espaço que nos envolve está dependente não só do arquitecto, mas de várias pessoas. Como já defendia Távora "*a Architectura é algo que toda a gente faz*"⁶⁰, temos que ter em conta que toda a gente participa na transformação do espaço, é algo de inevitável. Mas, isso não significa necessariamente que o papel do arquitecto seja menos importante nem que se deva desistir de lutar por um mundo mais coerente e ordenado. A consciência de que toda a gente participa na transformação do espaço, deve, em primeiro lugar, levar-nos a procurar soluções que passem por uma melhor educação e sensibilização da sociedade. Só assim as pessoas poderão encarar o espaço como algo que pertence a todos, e como tal, perceber que qualquer proprietário tem direitos sobre as suas propriedades mas também tem deveres. O dever de ajudar a construir um mundo mais coerente e equilibrado.

Fernando Távora também já tinha a percepção de que a profissão de arquitecto não era muito valorizada, quando dizia que esta é "*aparentemente uma das mais dispensáveis na sociedade. O médico salva-lhe a vida, o advogado salva-lhe a fortuna e a honra, o engenheiro*

⁶⁰ *A Architectura é o dia a dia*, entrevista a Fernando Távora por Bernardo Pinto de Almeida; Boletim da Universidade do Porto nº19/20 Ano3, Porto 1993, pag.43

salva-lhe a segurança. O arquitecto o que é que lhe salva? Salva-lhe a qualidade."⁶¹

Embora já tenham passado quase 20 anos desde esta apreciação, continua a existir, pelo menos na maioria da população desta região, pouca preocupação com a qualidade da Arquitectura, e isso como já vimos no passado pode ser fatal. É essencial que as pessoas compreendam a importância do arquitecto e da arquitectura, para garantir a qualidade não só das suas vidas, mas da vida das gerações futuras. Para isso como já referi, terá de haver uma mudança na educação, que altere a escala de prioridades da nossa sociedade, que demora a compreender que a Arquitectura e a cultura em geral desempenham um papel tão importante na nossa vida como a saúde ou a economia. Como vimos anteriormente, a Arquitectura é indissociável das nossas vidas, faz parte delas e como tal contribui para o nosso bem, ou mal-estar, tanto físico como emocional.

O papel do arquitecto é por isso de extrema responsabilidade, não só por contribuir para a construção de uma realidade que influencia a vida das pessoas, mas também porque a educação de uma sociedade, especialmente em relação à importância da arquitectura, pode fazer-se através da actuação e dos exemplos dos seus arquitectos. Portanto, não devemos esquecer que, se uma sociedade não confia nos seus arquitectos nem lhes reconhece utilidade, parte da culpa é dos próprios arquitectos.

⁶¹ A *Arquitectura é o dia a dia*, entrevista a Fernando Távora por Bernardo Pinto de Almeida; Boletim da Universidade do Porto nº19/20 Ano3, Porto 1993, pag.48

Embora a minha experiência em arquitectura se resuma quase exclusivamente aos conhecimentos adquiridos ao longo de 5 anos de curso, por conhecer várias pessoas que trabalham em áreas ligadas à construção, já tive oportunidade de trabalhar como "ajudante" de carpinteiro e electricista em algumas obras. Neste contacto com a realidade da construção nesta região pude observar alguns aspectos preocupantes. Um dos principais, é que normalmente ninguém na obra gosta do arquitecto, este não é uma pessoa bem-vinda, por engenheiros, empreiteiros ou qualquer trabalhador. Penso que, este isolamento resulta normalmente de dois factores: em primeiro lugar, uma atitude demasiado altiva e até arrogante por parte de alguns arquitectos, que por vezes desprezam os trabalhadores e os seus conhecimentos; em segundo, mas não menos importante, falta de compreensão e consequentemente motivação dos diferentes trabalhadores em relação à obra e ao valor da Arquitectura. Ou seja, na minha opinião, talvez um pouco ingénua, baseada numa curta experiência de campo, e no contacto com conhecidos que trabalham na área da construção, considero que se forem devidamente explicados os objectivos do projecto, reconhecida a sua importância e a de todos os trabalhadores para a sua concretização, e se eles perceberem que o projecto é do arquitecto mas a obra é de todos, a figura do arquitecto poderia ganhar mais respeito, e deixar de ser vista como um *«excêntrico que só faz as coisas à sua maneira»*. Consequentemente todos os trabalhadores trabalhariam mais motivados, compreendiam o que estavam a fazer e

sentiam orgulho por participar activamente na melhoria da qualidade da arquitectura.

É necessário modificar esta imagem de «artista»⁶² que grande parte das pessoas tem dos arquitectos, e que as leva a desvalorizar a sua utilidade. Isso só poderá ser feito com o contributo dos próprios arquitectos, através de um trabalho empenhado e com maior consciência global, em vez de estar apenas focado na vaidade individual, e no egocentrismo. É necessária maior humildade perante o mundo, contudo, sem abandonar os princípios nos quais se acredita.

“O meu trabalho é simplesmente uma participação num movimento de transformação com implicações muito maiores”⁶³
Álvaro Siza

No fundo, para mim, esta frase de Álvaro Siza resume na perfeição qual deverá ser a forma de um arquitecto encarar o trabalho em Arquitectura. Ou seja, mostra a consciência de que é apenas um de muitos participantes na transformação do espaço, mas não esquece a importância e responsabilidade que acarreta essa participação. O arquitecto apenas idealiza e inicia a obra, depois esta, desde o seu princípio estará sempre em mutação, para o bem ou para o mal, sofrendo constantes alterações seja pela acção humana ou natural.

Imagino que umas das maiores ambições de um arquitecto em relação aos seus edifícios, é que continuem a

⁶² “Actualmente, na maioria das casas novas só duas pessoas gostam: o dono e o arquitecto. A casa deve agradar a todos, ao contrário da obra de arte por ser assunto privado do artista. (...) O artista serve-se a si mesmo, o arquitecto a comunidade”

LOOS, Adolf, (1910) “ARQUITECTURA” in *Ornamento y delito y otros escritos*, pag.229. Este texto integra a bibliografia da disciplina História da arquitectura contemporânea leccionada pelo professor Carlos Machado na FAUP

⁶³ SIZA, Álvaro, (2009) *Uma questão de medida*. /entrevista Dominique Machabert, Laurant Beaudouin. trad. Vera Cabrita pag.26

viver, por mais que mude a sua aparência. Deve ter algo a ver com o desejo ancestral do homem em alcançar a imortalidade, e o facto é, que o nosso tempo de vida é insignificante, comparado com a Arquitectura. Por isso, não podemos esquecer em momento algum, que ao criar ou transformar um espaço, devemos conseguir resolver os problemas do presente, mas sem hipotecar o futuro.

Uma das formas de alcançar esta longevidade num edifício, passa por conseguir atingir um certo grau de integridade e densidade nas obras que lhe garanta uma perfeita adequação à vida que recebe. E para isso é indispensável que o arquitecto procure aproximar-se o mais possível da realidade e dos problemas que ela lhe apresenta para melhor os conhecer. Isso significa um contacto efectivo com os seus clientes, tomar conhecimento das suas opiniões, das suas necessidades e dos seus desejos. *“Sem isso tudo é superficial, sem fundamento”*⁶⁴ Contudo, nem sempre estará de acordo com os clientes, mas isso não significa que abandone os seus princípios e convicções como o próprio Álvaro Siza também refere *“Devemos pôr ao serviço da população o conhecimento que temos de um certo número de coisas, e é apenas depois disso que podemos iniciar a discussão.”*⁶⁵ E este é para mim um dos aspectos determinantes no valor da profissão de arquitecto, emprestar os seus conhecimentos, o seu trabalho e seriedade para, em conjunto com o cliente e tudo que os rodeia, construir um mundo que possa levar à felicidade. Para isso não se pode

⁶⁴ SIZA, Álvaro, (2009) *Uma questão de medida*. /entrevista Dominique Machabert, Laurant Beaudouin. trad. Vera Cabrita pag.186.

⁶⁵ Idem, pag.31

deixar isolar no seu trabalho, nem estagnar na sua aprendizagem, porque pode correr o risco de, não conseguindo acompanhar o mundo, se tornar um empecilho para ele.

*"Este es el sentido de la Arquitectura popular: hay que ser realistas, hay que trabajar con lo que tenemos del modo en que mejor sepamos hacerlo, y siempre con placer, con humor, con cierto poder crítico, pensando en contribuir a la felicidad de las personas."*⁶⁶ Fernando Távora

⁶⁶ TÁVORA, Fernando, (Dezembro 1998) *"nulla dies sine línea – fragmentos de una conversación con Fernando Távora"*, edición de Carlos Martí Arís in Fernando Távora, DPA14

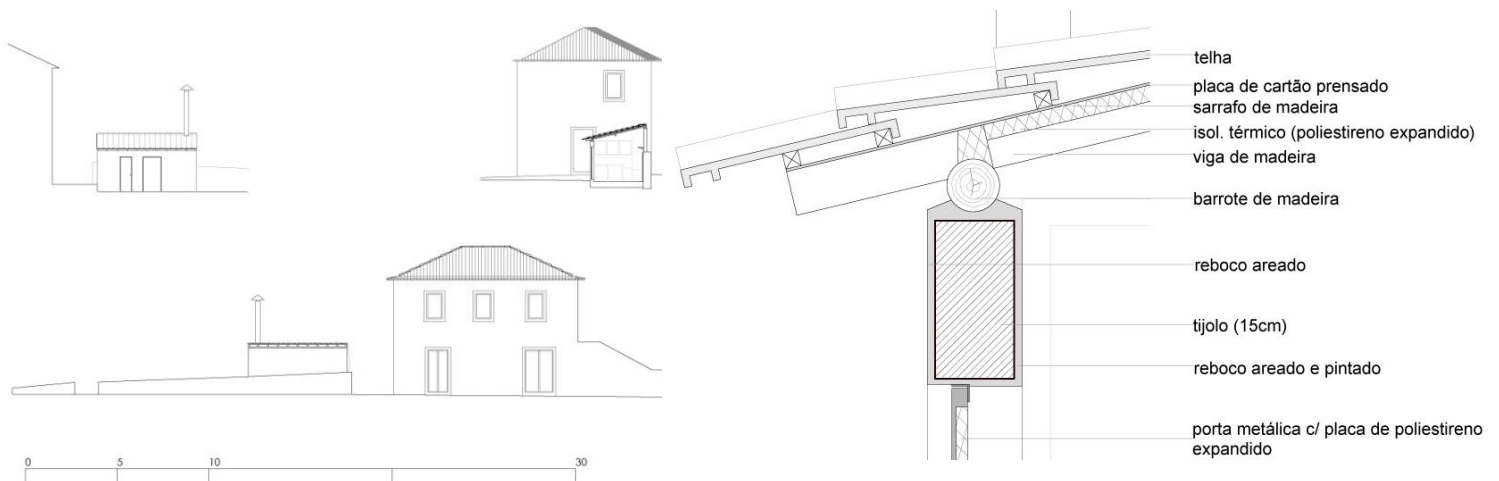
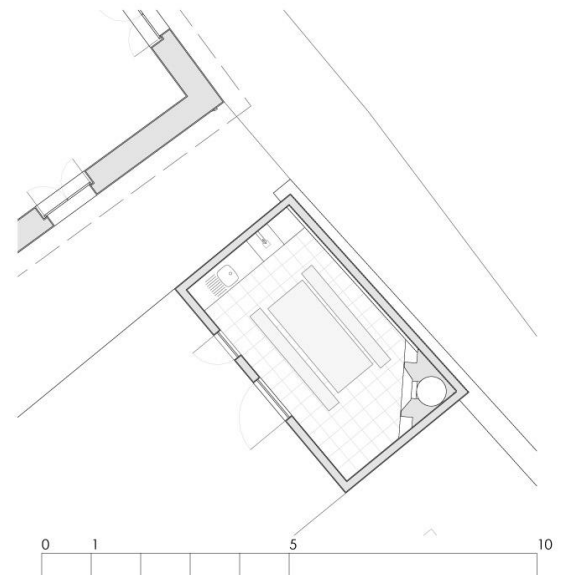
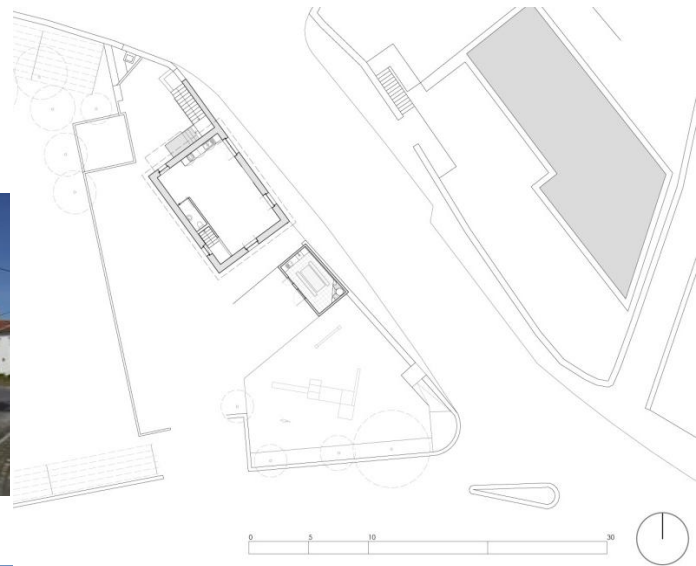
3.5 Que futuro? Remodelação, Reconstrução – Uma proposta de evolução

Perante uma situação em que se torna inevitável uma transformação, ou demolição, por falta de condições, e inadequação do velho Barracão em relação à sua envolvente, tem sido muito discutido entre os utilizadores deste espaço qual será, ou deveria ser o seu futuro. Tendo assistido, e participado em algumas dessas discussões, considero curioso e digno de realce, o facto de que, as pessoas que frequentam o Barracão, embora se dividam entre uma nova construção e o melhoramento do existente, descartam a hipótese de usar como "Barracão" o espaço do r/c da habitação remodelada e que aparentemente possui todas as condições para se transformar num espaço de reunião e convívio. Na minha opinião esta atitude reforça a ideia da importância da "autoconstrução" para estas pessoas, porque como não foram eles que construíram esse espaço, nem têm tanta liberdade para o transformar, não se conseguem identificar com ele, logo não se sentem tão confortáveis. A consciência de que este sentimento de liberdade, autenticidade e de pertença é obtido através da participação activa dos seus utentes na transformação do espaço, parece-me um aspecto importante a ter em conta para quem pretende trabalhar como arquitecto. Penso que esta será uma das lições que posso retirar desta experiência, para que no futuro quando projectar determinado espaço ou edifício, não esqueça de ter em consideração que terá de aguentar as inevitáveis transformações por parte de quem o vai habitar.

O Barracão
actualmente...



Fig.74



Neste momento, não se sabe qual será o futuro do Barracão, no entanto na minha opinião, considero que o Barracão não se confina ao espaço físico que ocupa actualmente, mas ao espírito das pessoas que ocupam esse espaço, e como tal, mais importante que manter as paredes para mim será manter as pessoas e o espírito. Contudo, como vimos anteriormente não devemos esquecer o papel que a arquitectura pode ter na potenciação ou desvanecimento de um hábito⁶⁷, e por isso considero fundamental a existência de um espaço onde esse espírito possa continuar a viver.

Então, aproveitando o tema de uma eventual remodelação ou reconstrução, não podia deixar de finalizar esta dissertação esboçando uma proposta, que devido ao tempo reduzido na elaboração deste trabalho, é feita de uma forma algo ligeira, mas, onde tento reflectir no desenho os conhecimentos que adquiri ao longo do meu percurso.

Tenho noção da dificuldade que é conseguir expressar fielmente e de uma maneira natural, tudo o que se sabe e pensa, através de um desenho ou da construção de um espaço. O arquitecto Vilanova Artigas disse um dia *"Admiro os poetas. O que eles dizem com duas palavras a gente tem que exprimir com milhares de tijolos."* Contudo, acho que mesmo com milhares de tijolos nem todos têm a capacidade de expressão de um poeta, pelo menos logo no início da sua actividade. Mas, o caminho faz-se caminhando e como tal, tenho a esperança que depois de muito trabalho e experiência, também consiga adquirir essa



Fig.75

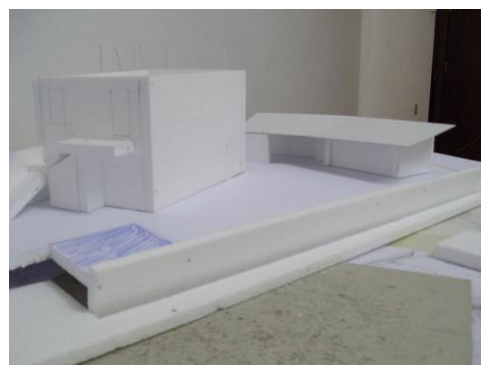


Fig.76

⁶⁷ O termo *Hábito* é aqui utilizado segundo a definição de Joaquín Arnau em "72 voces, Diccionario de Arquitectura teórica", pag.104 – "un hábito es un modo de comportamiento: una pauta de conducta"



Fig.77

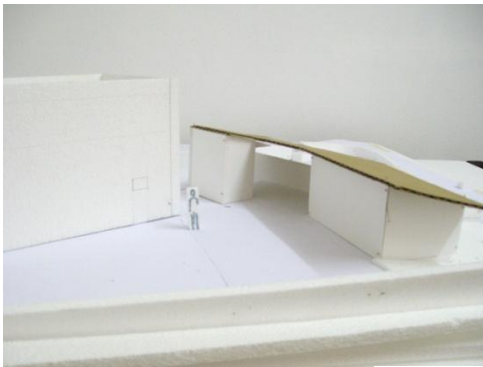


Fig.78

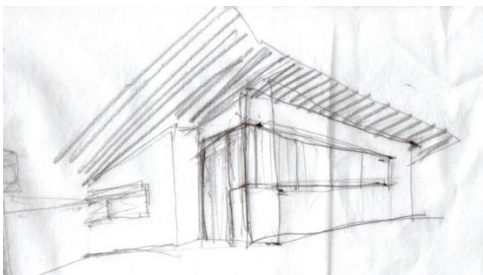


Fig.79

capacidade de expressão natural que define os bons arquitectos.

Tratando-se de um trabalho académico, avançar com uma proposta para esta área e tipo de programa, poderia ser uma excelente oportunidade para trabalhar a uma escala mais alargada, e propor experiências mais ambiciosas, no entanto, mesmo correndo o risco de ser criticado por falta de visão, ou ambição, optei por não me afastar da realidade que tentei mostrar ao longo deste trabalho, e por isso a proposta é bastante contida, tanto em área de intervenção como em construção. O meu objectivo era encontrar uma solução razoável, perfeitamente enquadrada na realidade da paróquia, que pudesse ser útil e satisfazer o maior número de pessoas, porque é de pessoas que trata a arquitectura. Teria também de ser bastante simples para que as próprias pessoas pudessem participar na sua construção, como tinha acontecido anteriormente, e ter força suficiente para aguentar as inevitáveis alterações feitas pelos seus utentes. Aliás, embora tenha a minha visão pessoal de como gostaria que fosse o resultado final, tenho a consciência que este tipo de trabalho, a ser realizado segundo os hábitos da autoconstrução, seria sempre imprevisível por estar muito condicionado na escolha de materiais, técnicas construtivas, tempo de construção, e muitos outros factores. Este é para mim, um dos aspectos mais interessantes neste tipo de construção, e considero poder ser bastante útil na minha aprendizagem, porque exige uma constante adaptação à realidade, e às oportunidades que vão surgindo durante a obra.

Depois de ter estudado as circunstâncias que envolvem este caso de estudo, e de já terem sido debatidas algumas hipóteses, e apreciadas as opiniões dos diferentes utentes através da elaboração de um questionário, é esboçada uma solução que considero ser equilibrada e satisfazer todos os objectivos propostos. Contudo, os desenhos que apresento, não pretendem ser um projecto definitivo, mas antes uma base de trabalho. A partir dela, a participação das pessoas envolvidas, e a gestão das oportunidades moldarão o resultado final.

3.5.1 Memória descritiva

Como vimos ao longo deste trabalho, uma intervenção neste espaço está condicionada por vários factores, sendo que um dos mais importantes tem a ver com a carga simbólica que representa para os seus utilizadores. Entre eles as opiniões dividem-se, sobretudo entre preservar o existente ou construir um novo espaço desde que

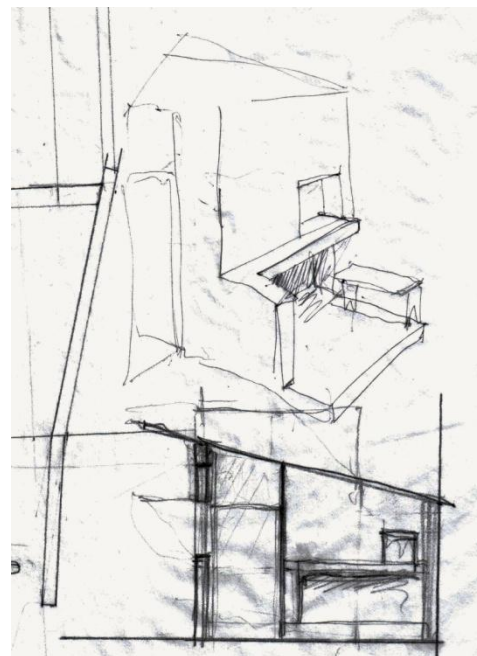
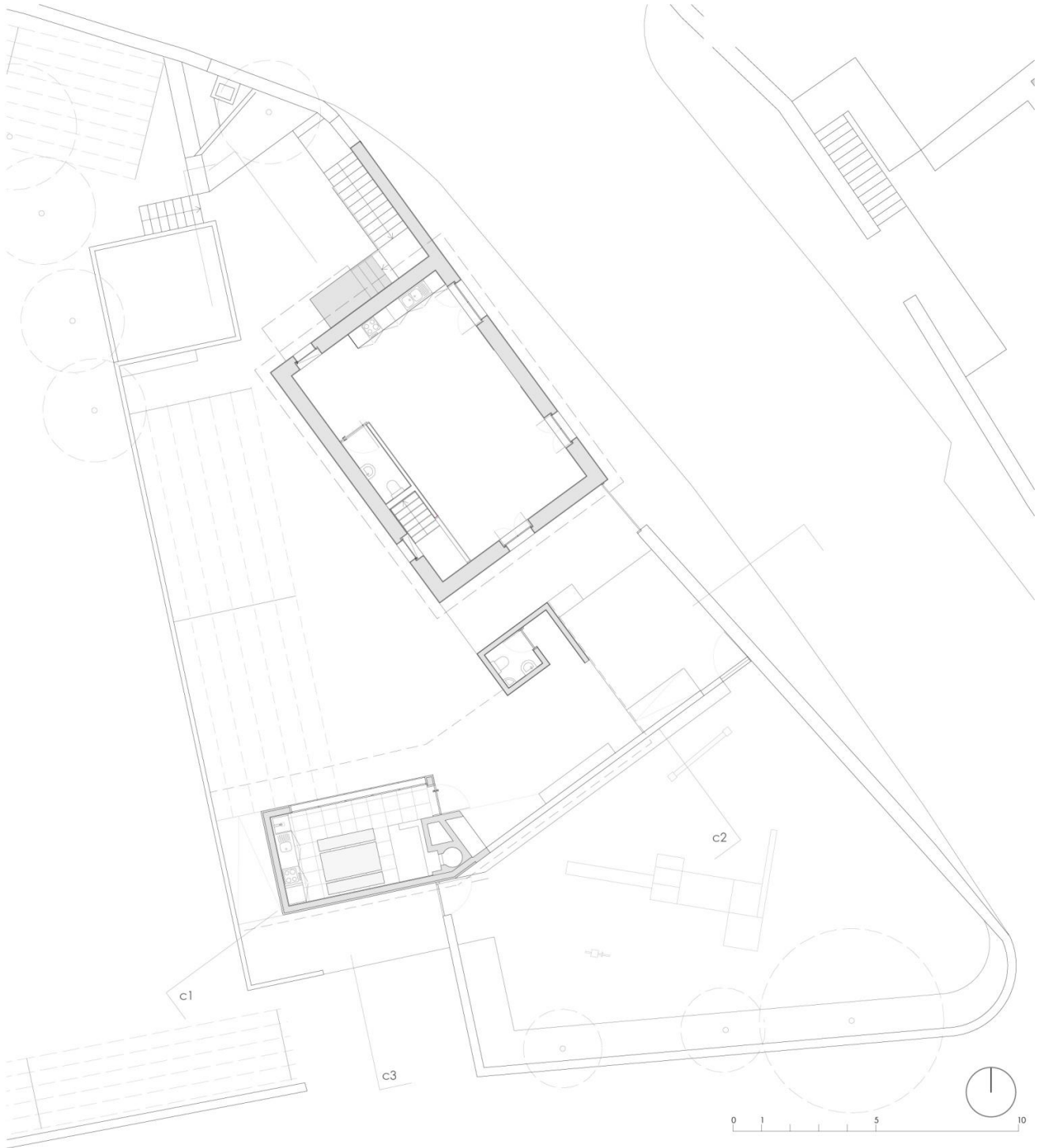


Fig.80



Fig.81 – Planta de coberturas da proposta.



mantenha algumas características e acima de tudo a localização. Portanto, além das condicionantes da implantação, como, a casa restaurada, o parque infantil, a rua da igreja a nascente, a rua José Duarte a sul, e a incerteza (embora já exista um projecto) do que vai acontecer no terreno a poente da casa, não se pode ignorar o simbolismo do *Barracão* e da actual localização.

Contudo, optei por uma implantação um pouco diferente, para conseguir uma maior versatilidade desta construção em relação ao espaço envolvente, e por permitir que o “velho” *Barracão* possa funcionar até estar pronto o novo.

Estes são os meus principais objectivos, manter vivo o espírito que se formou na velha construção e alarga-lo ao máximo de pessoas possível através de uma boa organização dos espaços que permita desenvolver um leque de actividades mais variado.

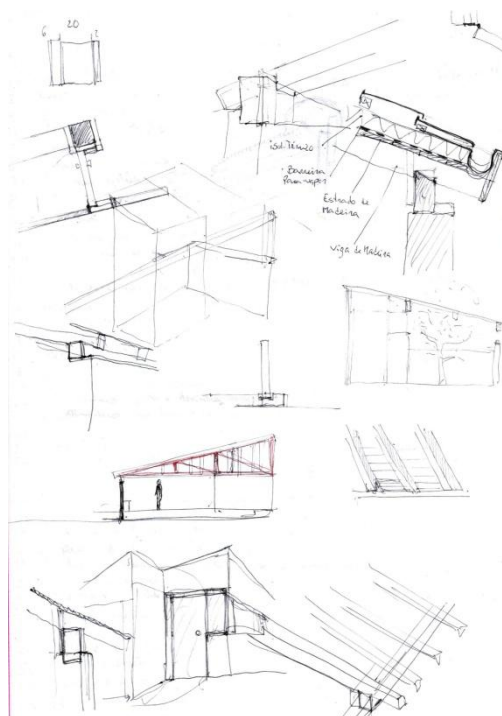
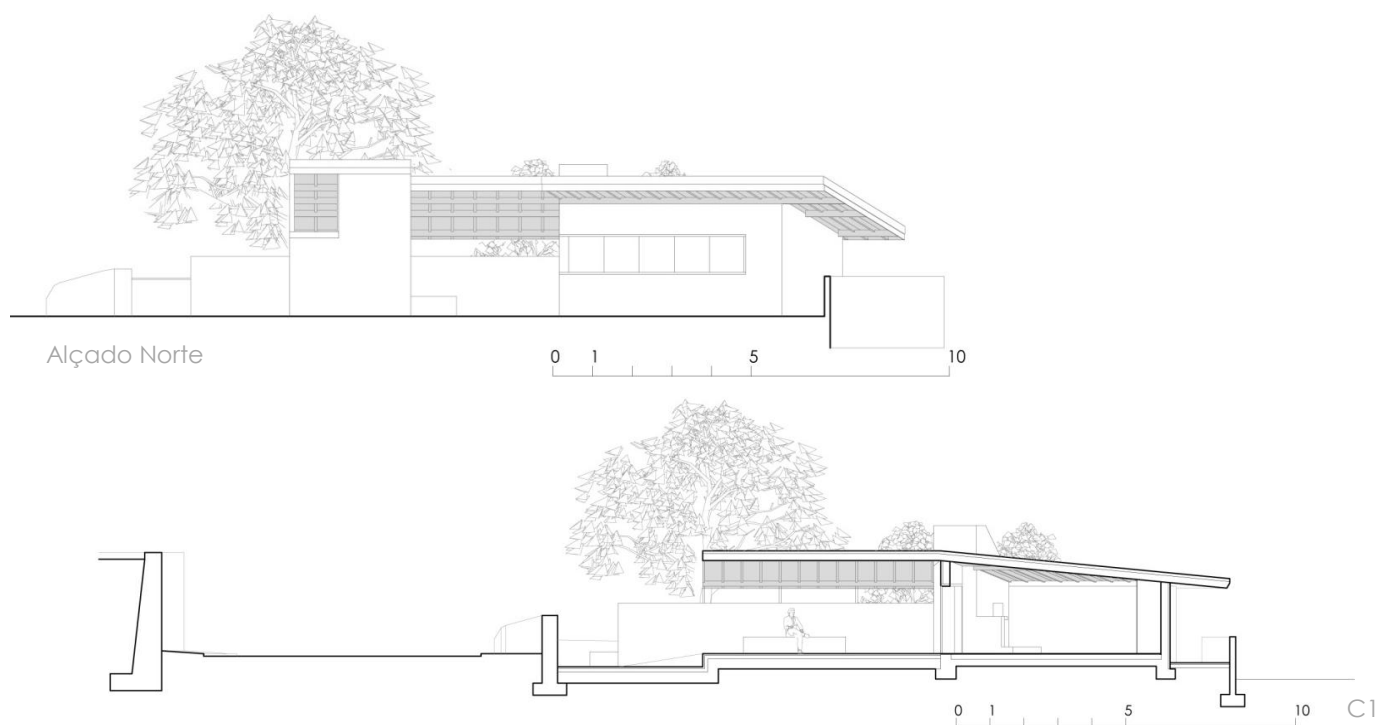


Fig.83, 84 e 85



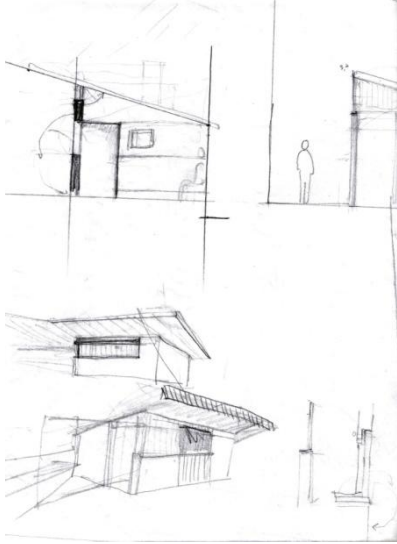


Fig.86

Assim a proposta consiste essencialmente na construção de dois volumes que conformem e ordenem o espaço envolvente. Um visa substituir a construção original, afasta-se cerca de 8m para poente e implanta-se perpendicular à direcção do muro que parte do tanque existente a norte. O outro destina-se a acolher um WC de serviço e posiciona-se no alinhamento da fachada poente da casa.

Os dois volumes embora independentes são unidos por uma cobertura de uma água, inclinada para sul. Optou-se por esta orientação por reduzir a escala do alçado voltado para a rua, e por ser mais eficaz tanto na protecção do sol, como das chuvas predominantemente vindas de sul.

Com esta nova implantação procura-se também definir uma entrada mais segura, tanto no espaço proposto como no parque infantil, ao criar um espaço de transição entre eles e a rua, ao contrário do que acontece actualmente.

Da relação entre o pré existente (a casa, o tanque e o muro) e os dois volumes propostos, nascem dois pátios de características distintas.

Um, mais pequeno, resulta do vazio da construção original e pode servir como *hall* de entrada a quem vem da rua a nascente. A partir dele temos acesso à casa, ao outro pátio, e ao parque infantil, (visto que uma das possíveis utilizações da casa é servir de espaço de catequese e/ou sede de escuteiros, obtém-se assim um acesso fácil e seguro dessas crianças ao parque infantil). Este pátio prolonga-se em direcção à entrada do "novo" *Barracão*, para um espaço coberto mas ainda exterior, recolhido entre um

muro que delimita o parque infantil, e o volume do WC, que na sua relação com a casa forma ainda, uma espécie de porta de entrada para o outro pátio. Este último, é uma espécie de terraço cuja dimensão permite fazer uma variedade de actividades colectivas, desde jogos escutistas, arriais e outros tipos de convívios, e onde temos uma vista para os terrenos cultivados da propriedade, que enquanto houver gente e possibilidade eu defendo que continuem a ser trabalhados. É ainda proposta uma cobertura parcial para este espaço através da construção de uma ramada, com o objectivo de evocar um dos espaços mais agradáveis resultantes das tradições minhotas e providenciar maior conforto através da sua sombra.

Em relação ao “novo” Barracão considero que uma grande mudança de escala seria completamente despropositada, primeiro, porque para a realidade desta pequena freguesia os espaços colectivos fechados existentes (salão da junta de freguesia 106m², salão paroquial 75m², r/c da residência paroquial 40m²) são mais

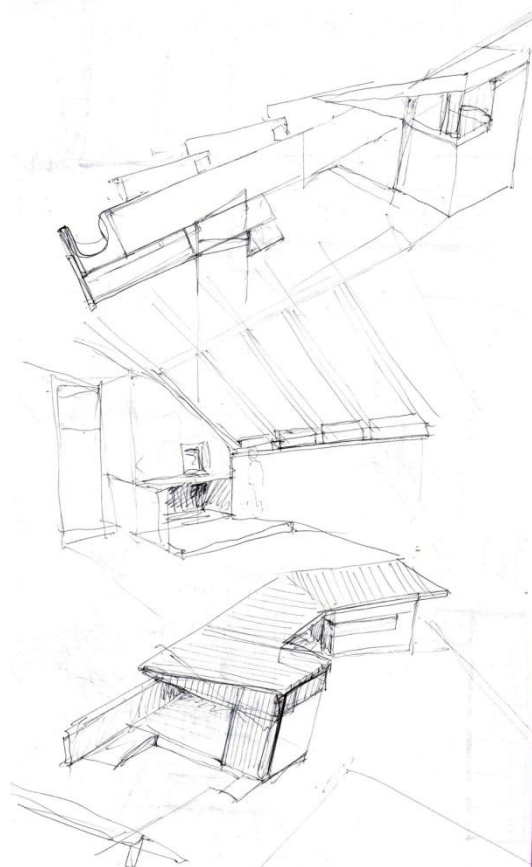


Fig.87 e 88

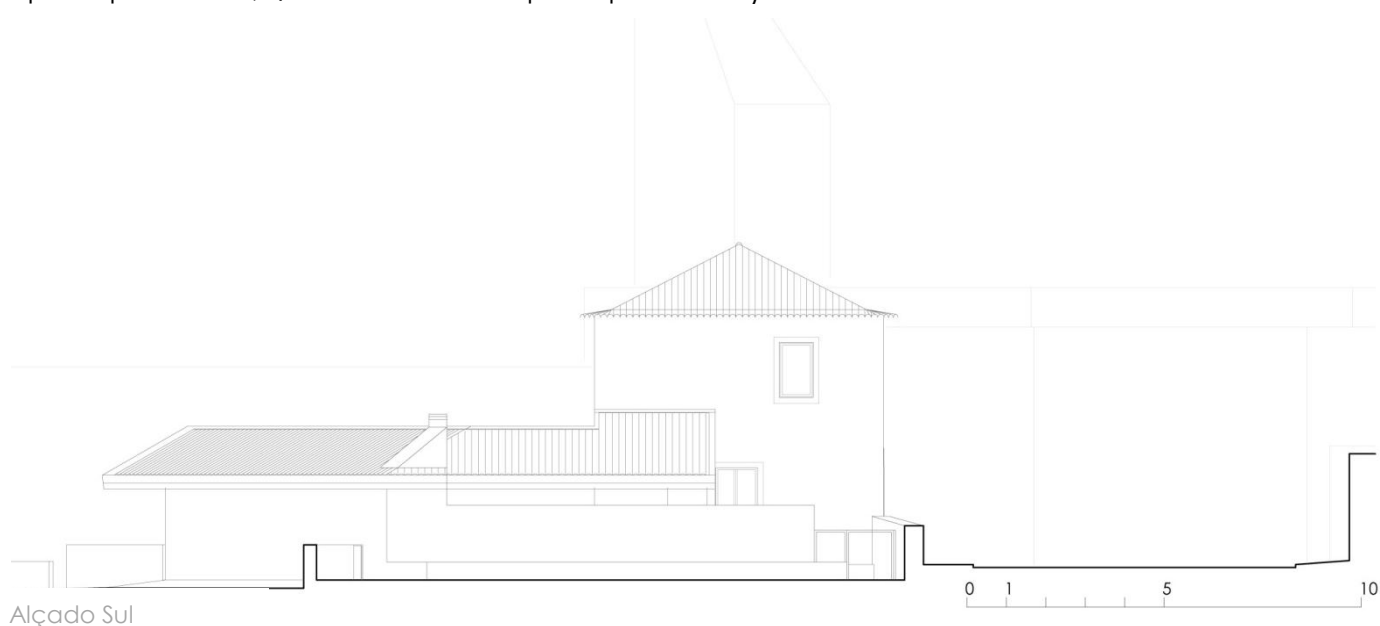




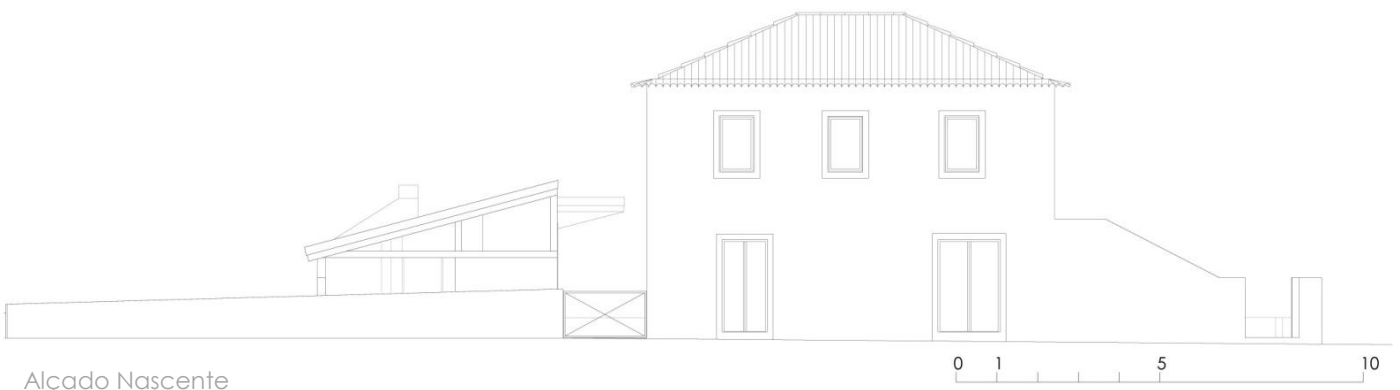
Fig.89, 90, 91 e 92

que suficientes, e depois, o conforto familiar típico do barracão original, que segundo os utilizadores, é uma das características mais atractivas desse espaço e que leva as pessoas que o utilizam a sentir-se bem, estaria em risco.

São estas características de recolhimento e aconchego típicas das tradicionais cozinhas minhotas, que é fundamental manter, por isso, o espaço proposto é idêntico ao original, e as alterações feitas são acima de tudo para melhorar as condições de higiene e conforto.

A entrada do *Barracão* é voltada para a zona de esplanada coberta que pretende ser uma espécie de extensão do seu interior. A sublinhar esta intenção é proposta uma peça onde se conjuga um forno e uma lareira no interior com um grelhador no exterior. O fogo é sem duvida um dos elementos mais importantes no *Barracão*, tanto pelo seu simbolismo como pela sua utilidade na obtenção de calor e conforto, e claro, na preparação de alguns petiscos, e esta opção tenta reflectir e potenciar esse papel simbólico de união em volta do fogo.

Esta peça única possui uma forte presença neste espaço e marca a porta por onde se acede ao seu interior. Para a parede contrária é desenhada uma peça de

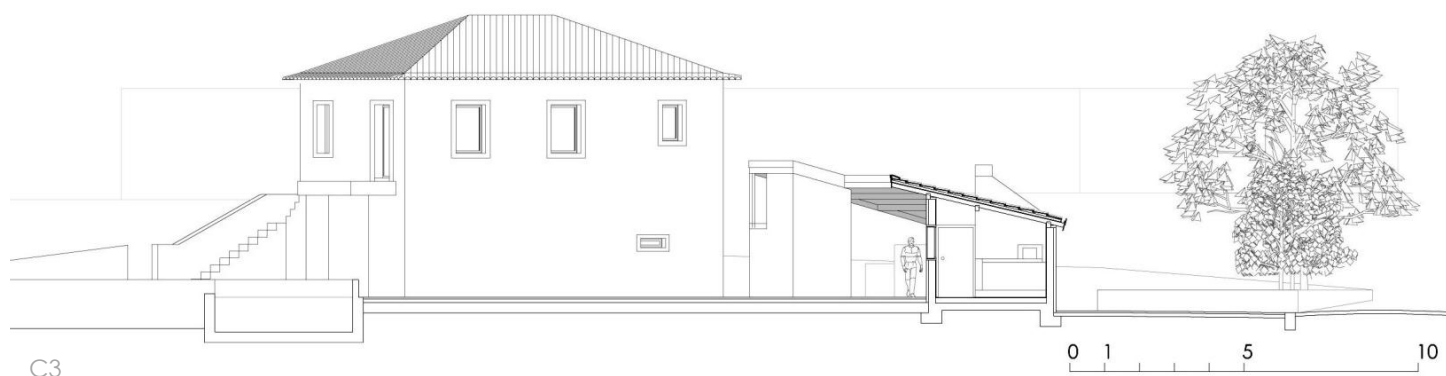


Alçado Nascente

mobiliário onde ficam organizados, o frigorífico, um fogão, um lava loiças, e uma máquina de pressão. Esta parede que dá para o pátio grande, contém uma abertura, de forma a poder servir de balcão numa eventual utilização do Barracão como bar em algum arraial ou convívio.

A ventilação do espaço é garantida por aberturas entre as paredes e a cobertura, que ao ser inclinada evoca o espaço original e oferece uma maior riqueza espacial.

Os materiais e técnicas construtivas deveriam ser os utilizados nas tradicionais construções populares, embora como já referi anteriormente, a particularidade deste tipo de construção é estar dependente dos materiais e oportunidades disponíveis.



Conclusão

A abordagem inicial deste trabalho não pretendia alcançar uma conclusão definitiva acerca das questões levantadas. Contudo, perante o que foi exposto, penso que ficou definida uma base de entendimento sobre a importância que o espaço construído tem nas nossas vidas. Independentemente, de podermos considerar arquitectura ou não, todas as construções que nos rodeiam podem ter influência no nosso comportamento como indivíduos e como sociedade.

"La arquitectura no crea, desde luego, como quisieron creer algunos apóstoles del Movimiento Moderno, Le Corbusier entre ellos, las buenas costumbres y su moral. Pero puede favorecerlas o entorpecerlas, inducirlas o condenarlas." Joaquín Arnau⁶⁸

Além disso vimos também, que as transformações que ocorrem no espaço não são fruto exclusivo do trabalho do arquitecto. A necessidade de transformar o espaço é inerente a qualquer pessoa e por isso, toda a gente participa na construção do espaço. Tendo esta consciência, não podemos desprezar ou ignorar, qualquer construção, só porque não se enquadra dentro dos nossos parâmetros do que é "belo". Devemos, antes, procurar a sua essência e entender o que está na sua génese.

Os fortes hábitos de auto construção nesta região, são uma realidade que não pode ser mais ignorada, e se podemos em parte justificar esta prática por razões "biológicas" (porque qualquer ser humano sente

⁶⁸ ARNAU, Joaquín, (2000) "72 voces para un diccionario de arquitectura teórica", pag.104

necessidade de transformar o seu espaço), temos de ponderar a possibilidade que isto também aconteça por ineficácia do trabalho dos arquitectos. Embora não tenha conhecimento de inquéritos ou dados estatísticas que possam fundamentar a minha opinião, a noção que tenho, é de que a imagem do arquitecto não é muito positiva junto da maioria das pessoas que me rodeiam, e este facto agrava-se no meu entender se tivermos em conta que grande parte delas trabalha com estes profissionais. É necessário portanto, no meu ponto de vista, criar condições que revertam esta ideia. Neste sentido, acredito que a educação e consciencialização das pessoas para a importância que a organização do espaço desempenha nas suas vidas e na vida da sociedade, pode residir, em grande parte, num trabalho consciente e dedicado dos arquitectos, assente numa erudição que lhe permita ensinar, e humildade que lhe permita aprender.

"E daqui a tremenda responsabilidade de uma profissão cuja presença é dia a dia mais evidente, embora também dia a dia menos isolada, menos egocêntrica, mais participante e mais exigente em matéria de estabelecimento de relações com outras actividades e com o fenómeno humano em geral" Fernando Távora⁶⁹

No final, sinto que o confronto dos conhecimentos adquiridos ao longo curso de arquitectura, a partir do estudo e contacto com uma realidade tão familiar como foi o caso, acabou por se tornar uma experiência bastante enriquecedora. Serviu para aumentar a minha consciência em relação à responsabilidade do arquitecto perante a sociedade, e cimentar as minhas convicções em relação à

⁶⁹ Fernando Távora no prefácio do livro "A cidade como Arquitectura" de Nuno portas

importância da sua actividade. Embora ciente, que muito mais poderia ter sido discutido, e aprofundado neste trabalho, tendo em conta o tempo disponível para a sua realização, considero que foram atingidos os objectivos inicialmente propostos, e fico contente por ter tido a oportunidade de através dele, prestar uma homenagem a todas as pessoas que transformaram e continuam a transformar o espaço onde vivo.

*"Fazer Arquitectura é amar as pessoas e amar o mundo"*⁷⁰

⁷⁰ Arq. Manuel Botelho, durante uma aula teórica de Projecto I, em 17 de Janeiro de 2007

Referências bibliografias

AA.VV. *Arquitectura popular em Portugal - volume 1.* (2004)
/ coord. João Afonso, Fernando Martins, Cristina Meneses,
4ªed. Lisboa, Ordem dos Arquitectos.

AA.VV. *Companion to contemporary architecture thought.*
(1993) Editado por Ben Farmer e Hentie Louw, London,
Routledge.

ARNAU, Joaquín, (2000) *72 voces para un diccionario de
arquitectura teórica.* Barcelona, Celeste.

BENEVOLO, Leonardo, trad. Maria Manuela Ribeiro, (1991)
Introdução à Arquitectura. Ed. 70

COSTA, Avelino de Jesus da, (1997-2000) *O Bispo D. Pedro e
a organização da Arquidiocese de Braga – 2ªed.* Braga,
Irmandade de S. Bento da Porta Aberta.

COSTA, Natália Morais da, (2006) *A reabilitação do antigo
como obra nova a partir da arquitectura de Fernando
Távora, em Guimarães.* / Natália Morais da Costa; docente
acompanhante Prof. Carlos Machado. – Porto, Faup.

CRUZ, Valdemar, (2005) *Retratos de Siza.* Porto, Campo das
Letras.

DIRENOR, (1997) *Braga-Freguesias 97.* Braga : A Nossa Terra-
Direnor.

DOMINGUES, Álvaro; PORTAS, Nuno [et.al], (2006) *Cidade e
democracia: 30 anos de transformação urbana em
Portugal.* Lisboa, Argumentum.

GUERRA, Carlos, (1988) *O homem faz as casas, as casas fazem o homem: manual de recuperação e construção*. Bragança, P.N. Montesinho.

MONTEIRO, Bruno Manuel Pinto, (2007) *Arquitectura popular contemporânea*. Bruno Manuel Pinto Monteiro; docente acompanhante Arqtº Domingos Tavares. Porto, Faup.

MULLER, Werner, [et.al] (1992) *Atlas de Arquitectura*. – 2ªed. Madrid, Alianza Editorial.

PEREIRA, Arnaldo e MIDÕES, Ágata, (1997) *Regionalização e Identidades Locais: preservação e reabilitação de centros históricos*. Lisboa, Cosmos

PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro [et.al], (2003) *Políticas Urbanas: tendências, estratégias e oportunidades*. Lisboa, FCG.

ROSSI, Aldo, (2001) *A Arquitectura da Cidade*. trad. José Charters Monteiro – 2ª ed. Lisboa, Edições Cosmos.

RUSKIN, John, (1989) *The seven Lamps of Architecture*. New York, Dover.

SILVA, João Belmiro Pinto da; GOMES, Paulino, (1998) *Braga: os tempos e o lugar...* Paços de Ferreira, Anérgia.

SIZA, Álvaro, (2009) *Álvaro Siza Imaginar a evidência*. pref. Vittorio Gregotti, Lisboa, Edições 70.

SIZA, Álvaro, (2009) *Uma questão de medida*. /entrevista Dominique Machabert, Laurant Beaudouin. trad. Vera Cabrita – Casal de Cambra, Caleidoscópio.

TÁVORA, Fernando (1993) *Arquitectura Portuguesa* / editado por Luiz Trigueiros, com artigos de Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Bernardo Ferrão e Eduardo Souto Moura e com Grafismos de Ana Maria Chora. Lisboa, Blau.

TÁVORA, Fernando, (1993) "A *Arquitectura é o dia a dia.*" entrevista de Bernardo Pinto, *In Boletim da Universidade do Porto*, nº19/20, Porto.

TÁVORA, Fernando, (1993) *Percurso: a life long trail* / coord. Fernando Távora e José Bernardo Távora. Lisboa, Centro Cultural de Belém.

TÁVORA, Fernando, (1996) *Da organização do espaço*. – 3ª ed. Porto, FAUP Publicações.

TÁVORA, Fernando, (Dezembro 1998) "*nulla dies sine línea – fragmentos de una conversación con Fernando Távora*", edición de Carlos Martí Arís in Fernando Távora, DPA14,

TÁVORA, Fernando, (Junho 1992) "*Coisa Mental*", entrevista de Jorge Figueira. *In Unidade3 – Arquitectura ou chuva*, Porto, AEFAUP

VAN LENGEN, Johan, (2010) *Manual do arquitecto descalço*. Lisboa, Dinalivro.

ZEVI, Bruno, (1996) *Saber ver a arquitectura*. Trad. Maria Isabel Gaspar, Gaetan Martins de Oliveira – 5ªed. São Paulo, Martins Fontes.

ZUMTHOR, Peter, (2006) *Atmosferas*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili.

- Da colectânea de textos integrada na bibliografia da disciplina de História da Arquitectura Moderna, FAUP, reunidos pelo professor Carlos Machado, foram referenciados os seguintes autores:

GRASSI, Giorgio (1980) "A PROPÓSITO DE VANGUARDIA"

LOOS, Adolf, (1972) Ornamento y delito y otros escritos. Trad. Lourdes Cirlot e Pau Pérez, Barcelona, GG

MEYER, Hannes (1928) *in*Textos de arquitectura de la modernidad /Construir

Internet (sites consultados entre Novembro de 2010 e Setembro de 2011)

<http://viasromanas.planetaclix.pt/#bragalisboa>

<http://www.Maps.Google.com>

<http://www.bing.com/maps/>

<http://www.celtiberia.net/verimg.asp?id=2331>

http://www.cmbraga.pt/wps/portal/publico/lut/p/c4/04_SB8K8xLLM9MSSzPy8xBz9CP0os3iDQHdnQyNvA0t_dz8LA89AF6NQf38nINdEvYDbUREAFdCM6A!!/

http://www.geneall.net/P/forum_msg.php?id=20588

<http://www.ine.pt>

http://www.virtual.unal.edu.co/cursos/sedes/manizales/4020061/descargas/f_boullee.pdf - retirado de CALVO SELLARER, Francisco et. Alt.: Fuentes y documentos para la Historia del Arte. Vol. VII. Ilustración y Romanticismo. De Architecture. Essai sur l'art (1770-1784). Primera edición francesa a cargo de Jean Marie Pérouse de Montclos, Ed. Hermann, París, 1968

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746> Casa e lar: a essência da arquitetura Jorge Marão Carnielo Miguel (Out. 2002)

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.091/183> Habitare e habitus — um ensaio sobre a dimensão ontológica do ato de habitar (1) Adson Cristiano Bozzi Ramatis Lima (Dez. 2007)

Índice de imagens

Capa

Desenho da envolvente do objecto de estudo e vista da veiga onde se situa Trandeiras e outras freguesias, com a cidade de Braga em último plano. Fonte: desenho e foto do autor

Pág.14

Fig. 1 – “Adam” o homem primitivo protegendo-se da chuva segundo Filarete. Fonte:

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746>

Casa e lar: a essência da arquitetura Jorge Marão Carnielo Miguel (Out. 2002).

Fig. 2 – Construção da cabana primitiva, segundo Teutsch. Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.091/183>

Habitare e habitus — um ensaio sobre a dimensão ontológica do ato de habitar (1) Adson Cristiano Bozzi Ramatis Lima (Dez. 2007).

Pág.15

Fig. 3 – Cabana Primitiva segundo Cesariano. Fonte:

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.091/183>

Habitare e habitus — um ensaio sobre a dimensão ontológica do ato de habitar (1) Adson Cristiano Bozzi Ramatis Lima (Dez. 2007).

Fig. 4 - Descobrimento do fogo segundo Fra Giocondo. Fonte:

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.091/183>

Habitare e habitus — um ensaio sobre a dimensão ontológica do ato de habitar (1) Adson Cristiano Bozzi Ramatis Lima (Dez. 2007).

Pág.29

Fig. 5 – Mamoa na freguesia de Lamas. Fonte: foto do autor.

Fig. 6 – Citânia de Briteiros, Guimarães – planta segundo Álvaro de Castelões. Fonte: AA.VV. *Arquitectura popular em Portugal - volume 1*. (2004).

Pág.30

Fig. 7- Casa castreja. Fonte: “Braga: os tempos e os Lugares...” pag.14

Fig. 8 - Casa castreja romanizada. Fonte: “Braga: os tempos e os Lugares...” pag.15

Pág.31

Fig.9- Reconstituição da planta da Igreja Sueva em Dume, Braga, fonte:

<http://www.celtiberia.net/verimg.asp?id=2331>

Pág.32

Fig. 10 – Vista do centro de Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Pág.33

Fig. 11 – Vista aérea de Trandeiras e território envolvente. Fonte:

<http://www.Maps.Google.com>

Fig. 12 – Foto de Trandeiras a partir da mamoa de Lamas. Fonte: foto do autor.

Pág.34

Fig. 13 – Indicação da via romana e localização de vestígios arqueológicos, sobre carta topográfica. Fonte: autor.

Pág.36

Fig. 14 – Casa no lugar de Ruilhe, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Fig. 15 – Inscrição no Portal de uma casa em Ruilhe, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Fig. 16 – Casa no lugar de Ruilhe, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Pág.37

Fig. 17 – Portal de uma casa no lugar do Monte, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Fig. 18 – Portal da Quinta da Devesa, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Fig. 19 – Vista da Quinta da Barroca, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Pág.38

Fig. 20 – Alminhas do cruzamento Rua dos Melos com Rua da Igreja, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Pág.39

Fig. 21 – Alminhas do Largo Américo Ribeiro, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Fig. 22 – Cruzeiro, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Fig. 23 – Torre velha da Igreja, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Fig. 24 – Tanque do Souto em Trandeiras, e seta indicadora do Caminho de S. Tiago. Fonte: foto do autor.

Fig. 25 – Tanque da Poça da Bacora, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Pág.40

Fig. 26 – Caminho junto à Quinta da Barroca, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Pág.41

Fig. 27 – Portal na rua do Barreiro, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Fig. 28 – Sequeiro degradado na rua do Barreiro, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Pág.42

Fig. 29 – Esquiço - reconstituição de uma cozinha com pedra do lar. Fonte: desenho do autor.

Pág.44

Fig. 30 – Fotos e desenhos resultantes do levantamento efectuado numa casa rural no largo do cruzeiro, Trandeiras. Fonte: fotos e desenhos do autor.

Pág.45

Fig. 31 – Casa velha e Fábrica de papel, na rua do monte, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Fig. 32 – Estrada nacional 101 no lugar do Palácio, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Pág.46

Fig. 33 – Casa na rua Ruilhe, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Fig. 34 – Casa na rua do Monte, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Fig. 35 – Casa no largo do cruzeiro, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Pág.47

Fig. 36 – Igreja e Salão paroquial de Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Fig. 37 – Escola e recreio, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Pág.48

Fig. 38 – Casa com anexo na Rua da Igreja, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Fig. 39 – Anexo, rua José Duarte, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Fig. 40 – Anexo, rua Padre Sebastião Mota Lopes, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Pág.51

Fig. 41 – Fotos e desenhos resultantes do levantamento efectuado numa casa de “emigrante” do início da década de 70, na rua José Duarte, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Pág.52

Fig. 42 – Parte da carta topográfica de 1948. Fonte: instituto geográfico do exército.

Fig. 43 – Parte da carta topográfica de 1997. Fonte: instituto geográfico do exército.

Pág.53

Fig. 44 – Casa em Ruilhe, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Fig. 45 – Casa na rua da Igreja, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Fig. 46 – Casa na rua José Duarte, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Pág.54

Fig. 47 – Urbanização na rua de Almuinha, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Pág.55

Fig. 48 – Quinta da Devesa e Auto-estrada, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Pág.58

Fig. 49 – Vista do Barracão e residência paroquial em 2011. Fonte: foto do autor.

Pág.59

Fig. 50 – Residência paroquial, anexo e respectivo terreno em 20-04-2002. Fonte: foto cedida por Ricardo Lopes.

Fig. 51 – Planta da residência paroquial e respectivo anexo antes de ser ocupado pelo agrupamento de escuteiros. Fonte: desenho do autor

Fig. 52 – Vista aérea do centro de Trandeiras. Fonte: [http://www. Maps. Google.com](http://www.Maps.Google.com)

Pág.60

Fig. 53 – Imagem do Barracão depois de ter sido utilizado como cozinha e bar de apoio a um arraial. Fonte: foto cedida por Ricardo Lopes.

Fig. 54 – Estrutura da cobertura do anexo da residência paroquial. Fonte: foto cedida por Ricardo Lopes.

Pág.61

Fig. 55 – Elementos dos escuteiros a trabalhar no espaço envolvente ao Barracão, Trandeiras. Fonte: foto cedida por Ricardo Lopes.

Fig. 56 – Elementos dos escuteiros a trabalhar no arranjo do Barracão, Trandeiras. Fonte: foto cedida por Ricardo Lopes.

Pág.62

Fig. 57 – Elementos dos escuteiros a construir o parque infantil, Trandeiras. Fonte: foto cedida por Ricardo Lopes.

Pág.63

Fig. 58 – Grupo que participou na construção do parque infantil em Trandeiras, integrada na actividade internacional de escutismo "Rover Way 2003". Fonte: foto cedida por Ricardo Lopes.

Pág.64

Fig. 59 – Forno do Barracão. Fonte: foto do autor.

Pág.65

Fig. 60 – Interior do Barracão na visita do compasso Pascal. Fonte: foto do autor.

Fig. 61 – Noitada no Barracão, convívio e discussões entre amigos. Fonte: foto do autor.

Fig. 62 – Momento de descanso durante a construção do parque infantil. Fonte: foto do autor.

Fig. 63 – Tradicional brinde depois do casamento. Fonte: foto cedida por Filipa Dias.

Fig. 64 – Interior do barracão, preparação para a "Queima do Judas". Fonte: foto cedida por Ricardo Lopes.

Fig. 65 – Noite de churrasco no Barracão. Fonte: foto do autor.

Pág.68

Fig. 66 – Exemplo de auto construção, casa na rua do Souto. Fonte: foto do autor.

Fig. 67 – Exemplo de auto construção, casa na rua do Souto. Fonte: foto do autor.

Pág.70

Fig. 68 – Anexo em construção, nas traseiras de uma habitação na rua José Duarte, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Fig. 69 – Anexo em construção, nas traseiras de uma habitação na rua padre Sebastião Mota Lopes, Trandeiras. Fonte: foto do autor.

Pág.73

Fig. 70 – Implantação de um conjunto de casas na rua José Duarte, Trandeiras, cujos proprietários pertencem todos à mesma família. Fonte: desenho do autor.

Pág.75

Fig. 71 – Vista do interior de uma construção improvisada na rua da igreja, Trandeiras com o objectivo de angariar dinheiro para as obras de recuperação da residência paroquial. Fonte: foto do autor.

Fig. 72 – Vista do interior e bar da construção referida na fig.71. Fonte: foto do autor.

Fig. 73 – Vista da entrada na construção referida na fig.71. Fonte: foto do autor.

Pág.83

Fig. 74 – Fotos e desenhos do *Barracão* actual. Fonte: fotos e desenhos do autor.

Pág.85

Fig. 75 – Esquízo do forno do *Barracão*. Fonte: Desenho do autor.

Fig. 76 – Maqueta de estudo. Fonte: foto do autor.

Pág.86

Fig. 77 – Maqueta de estudo. Fonte: foto do autor.

Fig. 78 - Maqueta de estudo. Fonte: foto do autor.

Fig. 79 – Esquízo da entrada e janela da proposta. Fonte: Desenho do autor.

Pág.87

Fig. 80 –Esquízo forno/lareira. Fonte: Desenho do autor.

Fig. 81 – Planta de coberturas e implantação. Fonte: Desenho do autor.

Pág.88

Fig. 82 – Planta da proposta e alçado nascente com corte pela casa. Fonte: Desenho do autor.

Pág.89

Fig. 83 – Esquízo da estrutura da cobertura e zona de entrada Fonte: Desenho do autor.

Fig. 84 – Alçado norte da proposta. Fonte: Desenho do autor.

Fig. 85 – Corte longitudinal da proposta. Fonte: Desenho do autor.

Pág.90

Fig. 86 – Esquízo de uma janela. Fonte: Desenho do autor.

Pág.91

Fig. 87 – Esquízo interior/ exterior e pormenor da cobertura Fonte: Desenho do autor.

Fig. 88 – Alçado sul da proposta. Fonte: Desenho do autor.

Pág.92

Fig. 89 – Render, vista da rua da Igreja. Fonte: Desenho do autor.

Fig. 90 – Render vista da rua José Duarte. Fonte: Desenho do autor.

Fig. 91 – Render do pátio maior com ramada. Fonte: Desenho do autor.

Fig. 92 – Alçado nascente da proposta. Fonte: Desenho do autor.

Pág.93

Fig. 93 – Corte transversal da proposta. Fonte: Desenho do autor.

O *Barracão* de Trandeiras,
Uma perspectiva sobre a arquitectura e urbanismo no Baixo Minho

